



Departamento de Educação e Ensino a Distância

Mestrado em Pedagogia do E-Learning

Os catequistas da Arquidiocese de Braga aprendem na rede:
análise das práticas digitais

Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Portugal

Mestrado em Pedagogia do E-Learning

Os catequistas da Arquidiocese de Braga aprendem na
rede: análise das práticas

Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Pedagogia do E-Learning

Orientadora: Prof. Doutora Lina Morgado

Resumo

Este trabalho vai apresentar o pensamento da Igreja católica sobre sociedade da informação e as suas implicações na missão de evangelizar, sobretudo a partir da cultura do encontro e da partilha.

A partir do paradigma da sociedade em rede, verificam-se os pontos de convergência entre a cultura cristã e a cultura digital. O desejo de permanente conectividade não é apenas resultado das possibilidades tecnológicas. Vai ao encontro daquilo que são os desejos mais profundos do ser humano, e é aqui que em relação com a cultura cristã, que se percebe e diz pela comunhão, que se entrecruza com a realidade da comunicação.

A segunda parte do trabalho versa sobre a aplicação de um inquérito por questionário, aos catequistas, para procurar perceber a utilização e presença que têm na Internet, sobretudo na Web 2.0, percebendo de que forma os catequistas usam as tecnologias digitais no exercício da sua atividade de voluntariado, bem como perceber como se manifesta a sua identidade digital.

No final, pensamos poder estar em condições de aferir até que ponto aquilo que é o desiderato da instituição eclesial expressa na sua documentação está ou não a ser compreendida e a ter correspondência no concreto da população em estudo.

Com este trabalho pretendemos contribuir para a compreensão deste fenómeno dentro da Igreja católica e fornecer indicações seguras para melhorar a utilização dos media no serviço da evangelização, no âmbito da catequese.

Palavras-chave: Sociedade em Rede, Web 2.0, Identidade Digital.

Abstract

This paper will introduce Catholic Church thoughts about information society and its implications on the evangelization mission, especially from a culture of meeting and sharing.

From the paradigm of network society, there are points of convergence between the Christian culture and digital culture. The desire for permanent connectivity is not only a result of the technological possibilities but it's also a response to the deepest desires of the human being, and it is here that in relation to the Christian culture, that understands and says for communion, intersects with the reality of communication.

The second part of this paper deals with the application of a survey, made to catechists, to understand the use and presence in the Internet, especially on the Web 2.0, realizing how they use digital technologies in the exercise of their voluntary activity, as well as understand how it expresses their digital identity.

In the end, we think we can assess if the desideratum of ecclesial institution expressed in its documentation is being understood and how it matches in the concrete of the population under study.

With this paper we intend to contribute to the understanding of this phenomenon within the Catholic Church and provide secure indications to improve the use of the media in the service of evangelization, in catechesis.

Keywords: Network Society, Web 2.0, Digital Identity.

Ao Professor Manuel Moreira da Costa Santos

Ao terminar esta dissertação, não posso deixar de agradecer à minha Orientadora, Prof. Doutora Lina Morgado, pelo seu incentivo, apoio e dedicada orientação, que tornou possível o trabalho chegar a este termo.

Índice Geral

Resumo	V
Abstract.....	VII
Índice Geral.....	XIII
Índice de Quadros	XV
Índice de Figuras.....	XVII
Introdução	19
1. A Igreja e a sociedade da informação e da comunicação	27
1.1. A Igreja olha a Internet	29
1.1.1 Para anunciar o Evangelho.....	29
1.1.2 Defender o bem comum.....	32
1.1.3 Dialogar no e com o mundo	36
1.1.4 A visão do Episcopado português.....	46
1.2. A cultura do encontro.....	50
2. A Sociedade digital	53
2.1. Cultura cristã.....	57
2.2. Cultura digital	61
3 . Metodologia de Investigação	73
3.1 – Metodologia da Investigação	75
3.1.1 Considerações prévias.....	75
3.2 – Questões de investigação e Objetivos.....	76
3.3 – Instrumentos e Procedimento de Recolha de Dados.....	77
3.3.1 O Questionário	77
3.3.1.1. – Caracterização sócio-demográfica dos respondentes.....	77
3.3.1.2. - Literacia digital e competências digitais	77
3.3.1.3. – O lugar da Web na missão catequética	78
3.4 – Tratamento dos Dados	80

4. Apresentação e Análise dos Resultados	83
4.1. Caracterização dos respondentes: os catequistas	85
4.2. Fatores que influenciam o recurso à Internet	98
4.3. Fatores potenciadores da utilização da Web 2.0	101
4.4. Identidade digital dos catequistas.....	103
5. Considerações Finais.....	107
Referências Bibliográficas	113
Anexo 1 – Questionário	127

Índice de Quadros

<i>Quadro 1</i> - Escolaridade	86
<i>Quadro 2</i> - Formação específica em catequese	87
<i>Quadro 3</i> - Dispositivo de acesso	88
<i>Quadro 4</i> - Tempo de conexão	88
<i>Quadro 5</i> - Uso da Internet	89
<i>Quadro 6</i> - A internet na preparação do encontro de catequese	90
<i>Quadro 7</i> - Percepção sobre a literacia digital	91
<i>Quadro 8</i> - Presença na Web	91
<i>Quadro 9</i> - Página de Internet	91
<i>Quadro 10</i> - Blogue	92
<i>Quadro 11</i> - Presença nas redes sociais	92
<i>Quadro 12</i> – Atualização da presença na Internet	93
<i>Quadro 13</i> - Publicar trabalhos próprios	93
<i>Quadro 14</i> - Publicar/replicar trabalhos de conhecidos	94
<i>Quadro 15</i> - publicar/replicar trabalhos de desconhecidos	94
<i>Quadro 16</i> - Percepção da importância da Internet	94
<i>Quadro 17</i> - Utilização da Internet	95
<i>Quadro 18</i> – Competências digitais	97
<i>Quadro 19</i> - Recursos da Web para a catequese	98
<i>Quadro 20</i> - Teste alfa à Q16	99
<i>Quadro 21</i> - Testa alfa à Q17	99
<i>Quadro 22</i> - Teste alfa à Q25	101
<i>Quadro 23</i> - Importância da Web 2.0 para a catequese	102
<i>Quadro 24</i> – Frequência de utilização da Web na catequese	102
<i>Quadro 25</i> - Frequência de acesso à Internet	104

Índice de Figuras

<i>Figura 1</i> – Somas dos anos de catequistas, por idades	85
<i>Figura 2</i> - Pirâmide etária da amostra	86
<i>Figura 3</i> - Sítios mais referidos pelos catequistas	97

Introdução

É muito sugestivo o facto de nas últimas Mensagens para o *Dia Mundial das Comunicações Sociais*, Bento XVI ter-se referido aos meios de comunicação digital, procurando mostrar e incentivar o seu uso na evangelização, que é a missão principal, para onde toda a atividade da Igreja Católica deve convergir. Reconhecendo que uma das características hodiernas é a comumente chamada «era da informação», pois os meios de comunicação social configuram, de facto, o pensamento e a ação das sociedades. Mas já em 22 de Fevereiro de 2002 o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais tinha publicado dois documentos sobre esta matéria: «Igreja e Internet» e «Ética na Internet», o que nos permite perceber a necessidade que um estudo deste género tem no nosso contexto local. É isso que nos anima a optar por um trabalho deste género, estudando com rigor o modo de como está a acontecer na prática o apelo do Papa Bento XVI quando, em 2009, escrevia:

«Quero concluir esta mensagem dirigindo-me especialmente aos jovens católicos, para os exortar a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé. Caríssimos, senti-vos comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vossa vida. Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização. A vós, jovens, que vos encontráis quase espontaneamente em sintonia com estes novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da evangelização deste «continente digital». Sabei assumir com entusiasmo o anúncio do Evangelho aos vossos coetâneos! Conheceis os seus medos e as suas esperanças, os seus entusiasmos e as suas desilusões: o dom mais precioso que lhes podeis oferecer é partilhar com eles a «boa nova» de um Deus que Se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. O coração humano anseia por um mundo onde reine o amor, onde os dons sejam compartilhados, onde se construa a unidade, onde a liberdade encontre o seu significado na verdade e onde a identidade de cada um se realize numa respeitosa comunhão. A estas expectativas pode dar resposta a fé: sede os seus arautos! Sabei que o Papa vos acompanha com a sua oração e a sua bênção» (Bento XVI, 2009).

O trabalho de investigação que nos propomos realizar, em ordem à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na especialidade de Pedagogia do E-Learning, tem como objectivo central perceber o modo como está a ser acolhido, na Arquidiocese de Braga, a realidade das novas tecnologias da informação e

comunicação, por parte dos educadores da fé de nível básico (catequistas) e o modo como estão a aprender a fazê-lo.

Para alcançar este objectivo geral iremos começar por procurar perceber aquilo que a Igreja como instituição tem dito sobre esta temática, compendiando, assim, o seu pensamento sobre este âmbito. Será o objeto do nosso primeiro capítulo.

De seguida, no segundo capítulo, iremos refletir sobre a sociedade da informação e do conhecimento, procurando apreender aqueles conceitos que, na nossa perspectiva, mais se coadunam com o nosso objeto de estudo. Isto implica uma mudança de cultura, para não dizer de civilização, que importa compreender. Para apreender a mudança cultural vamos ter de olhar para o que é o conhecimento e a sociedade do conhecimento; as possibilidades das novas tecnologias, nomeadamente na sua capacidade de favorecer a comunicação e a partilha, a literacia digital e a identidade digital e os desafios educativos que daí advêm.

Na segunda parte do nosso trabalho vamos fazer um inquérito à nossa amostra de estudo. Iremos escolher como campo da nossa investigação os catequistas da *Arquidiocese de Braga* (= Distrito de Braga + concelho da Póvoa de Varzim + freguesias dos concelhos de Santo Tirso e Vila do Conde que fiquem a norte do Rio Ave), registados no *Departamento Arquidiocesano da Catequese* e que possuam conta de e-mail.

No final, pensamos poder estar em condições de aferir até que ponto aquilo que é o desiderato da instituição eclesial expressa na sua documentação está ou não a ser compreendida e a ter correspondência no concreto da população em estudo, nomeadamente as suas práticas digitais.

Concluiremos, assim esperamos, apontado algumas opções estratégicas para corrigir, se for o caso, ou melhorar, a utilização dos media e das tecnologias digitais, nomeadamente a Web no serviço da evangelização.

Parte I – Leitura Cultural

1. A Igreja e a sociedade da informação e da comunicação

Começaremos a nossa reflexão por abordar o modo como a Igreja católica pensa o fenómeno das novas tecnologias, integrando-as ao serviço da missão da instituição. Das diversas abordagens possíveis, optamos por focar o nosso olhar apenas em dois momentos: o ano de 2002 e o de 2014. O primeiro porque foi um ano particularmente rico na documentação produzida, que sintetizou o que até aí se tinha refletido e projetou os anos futuros, o segundo porque é onde o Papa Francisco, pela primeira, vez expressa o seu pensamento sobre esta matéria, ele que tem uma presença muito notada nas redes sociais.

1.1. A Igreja olha a Internet

Em 2002 dá-se, por parte da Santa Sé, um fenómeno de ímpar realce e de muita transcendência, que se consubstanciariam em três documentos: a mensagem do Papa João Paulo II para o 36º Dia dos Meios de Comunicação Social, publicada a 24 de Janeiro de 2002; e dois documentos do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (www.pccs.va), intitulados «Ética na Internet» e «Igreja e Internet», ambos publicados a 22 de Fevereiro de 2002. De realçar que na sua elaboração um aparece associado ao outro, e citam-se reciprocamente, embora, epistemologicamente, o primeiro é imprescindível para a compreensão do segundo, pelo que na elaboração deste estudo teremos isso também em atenção. Por fim, iremos ver o que o Episcopado português disse sobre a matéria, na sequência das publicações anteriores.

1.1.1 Para anunciar o Evangelho

A mensagem do Papa para o ano de 2002 tem um título cheio de ressonâncias históricas e desafios: «Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho»! A aproximação deste novo meio por parte da Igreja é feita com «realismo e confiança. Como os outros instrumentos de comunicação, ele é um meio e não um fim em si mesmo» (João Paulo II, 2002). Ao recorrer à palavra foro, ou fórum, está a remontar aquilo que eram os fóruns romanos, espaços de encontro e de diálogo, onde se tomavam decisões políticas e económicas, onde a vida social se desenrolava com tudo o que de positivo e negativo ela tinha. O Papa fá-lo depois de afirmar a consciência de que «o Cristianismo se enraizava em muitos lugares e aprendia a falar as diversas línguas do mundo, sempre em obediência ao mandato de Cristo, de

anunciar o Evangelho a todas as nações» (*Ibidem*). A internet, como novo fórum, é «outra porta de entrada» (*Ibidem*) por onde a Igreja é chamada a promover o anúncio da mensagem de Jesus Cristo, em complementaridade com outras vias e espaços já existentes, e património da cultura eclesial e da humanidade.

O espaço cibernético «é uma nova fronteira que se abre no início deste novo milénio. (...) [e] está cheia da ligação entre perigos e promessas, e não é desprovida do sentido de aventura que caracterizou os outros grandes períodos de mudança. Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica» (*Ibidem*).

Depois de uma parte mais expositiva daquilo que é o entendimento da Igreja sobre os novos meios de comunicação social, são apontados os momentos do processo evangelizador em que estes podem ter um contributo ímpar a dar, já que a «internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades» (*Ibidem*). O outro momento onde a internet pode ser um excelente recurso é na etapa pastoral ou de aprofundamento, porque permite uma certa continuidade que a evangelização carece, ou seja, na formação permanente dos cristãos: quer de formação geral para todos os cristãos, quer de formação específica para os diversos agentes de pastoral.

*«Especialmente numa cultura desprovida de fundamentos, a vida cristã exige a instrução e a catequese permanentes e este é, talvez, o campo em que a Internet pode oferecer uma ajuda excelente. Na «Net» já existem inúmeras fontes de informação, documentação e educação sobre a Igreja, a sua história e a sua tradição, a sua doutrina e o seu compromisso em todos os sectores, em todas as partes do mundo. Assim é óbvio que, apesar de a Internet nunca poder substituir aquela profunda experiência de Deus, que só a vida concreta, litúrgica e sacramental da Igreja pode oferecer, ela pode certamente contribuir com um suplemento e um apoio singulares, tanto preparando para o encontro com Cristo na comunidade, como ajudando o novo crente na caminhada de fé, que então tem início» (*Ibidem*).*

Há, contudo, algumas questões a ter em conta no uso da Internet na evangelização, e que são sobretudo questões antropológicas. A primeira questão tem a ver com a verdade – questão muito cara à Igreja católica –, pois o fluxo praticamente infinito de informação que existe na Internet faz com a questão da verdade seja relativizada, e se dê mais importância ao efémero e passageiro. De

realçar a importância que o Papa dá aos valores, aqui não os hierarquiza, reconhece apenas a sua importância, para depois advertir: «Internet oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores; e quando estes são ignorados, a nossa própria humanidade é diminuída e o homem facilmente perde de vista a sua dignidade transcendente. Apesar do seu enorme potencial para o bem, alguns dos modos degradantes e prejudiciais em que a internet pode ser usada já são óbvios para todos» (*Ibidem*). Outra das questões alertadas refere-se à redefinição da relação psicológica da pessoa com o tempo e o espaço:

*«Presta-se atenção àquilo que é tangível, útil e alcançável instantaneamente; pode vir a faltar o estímulo para o pensamento e a reflexão mais profundos. Contudo, os seres humanos têm a necessidade vital do tempo e do silêncio interior, para reflectir e examinar a vida e os seus mistérios, e para crescer de modo gradual até atingir um domínio amadurecido de si mesmos e do mundo que os rodeia. A compreensão e a sabedoria são o fruto de uma análise contemplativa do mundo, e não derivam de uma simples acumulação de factos, por mais interessantes que sejam. São o resultado de uma introspecção que penetra o significado mais profundo das coisas, na relação de umas com as outras e com o conjunto da realidade. Além disso, como foro em que praticamente tudo é aceitável e quase nada é duradouro, a Internet favorece uma forma relativista de pensar e, às vezes, alimenta a fuga da responsabilidade e do compromisso pessoais» (*Ibidem*).*

A mensagem termina com uma série de questões, às quais há que responder. As mensagens dos anos seguintes e os Documentos do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais dão uma ajuda precisa nessa tarefa. As questões são:

- Como havemos de cultivar a sabedoria que deriva não só da informação, mas da introspecção, a sabedoria que compreende a diferença entre o que é correto e o que é errado, e sustenta a escala de valores que provém desta diferença?
- Como é que a Igreja orienta a partir do tipo de contacto que se tornou possível pela internet, para uma comunicação mais profunda, exigida pela proclamação do Evangelho?
- Como edificamos sobre os primeiros contactos e permuta de informações, que a internet tornou possíveis?
- Como podemos garantir que a revolução da informação e das comunicações, que tem na internet o seu primeiro motor, atuará em benefício da globalização do desenvolvimento e da solidariedade humana, objectivos que estão estreitamente ligados à missão evangelizadora da Igreja?

- A internet pode favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação, sem a qual a paz não consegue florescer?
- Desta galáxia de imagens e sons, emergirá o rosto de Cristo e ouvir-se-á a sua voz?

1.1.2 Defender o bem comum

O documento «Ética na Internet», que lembra outros dois anteriores: *Ética na Publicidade* (1997) *Ética nas Comunicações Sociais* (2000), é definição identitária da Igreja que se coloca em diálogo com o mundo, neste caso concreto, com o mundo da Internet, dizendo a sua perspectiva. Neste documento, coloca-se a questão ética, na sua relação à internet, da seguinte forma: «*A questão ética consiste em saber se isto [a internet] está a contribuir para um desenvolvimento autêntico e a ajudar os indivíduos e os povos a corresponder à verdade do seu destino transcendente*» (PCCS, 2002a, nº 1). A resposta é positiva, embora se alerte para um ou outro problema, como sejam o caso da manipulação e corrupção. Afirma-se que a sua utilização positiva ou negativa deriva, essencialmente, das escolhas assumidas. Aqui, a Igreja considera-se capaz de aportar dois contributos incontornáveis: o seu compromisso em benefício da dignidade da pessoa humana e a sua longa tradição de sabedoria moral.

De seguida, faz-se a afirmação do princípio ético fundamental: «*a pessoa e as comunidades humanas são a finalidade e a medida do uso dos meios de comunicação social; a comunicação deveria fazer-se de pessoa a pessoa, para o desenvolvimento integral das mesmas*» (*Ibidem*). Daqui se depreende que a reflexão da Igreja sobre esta matéria vai centrar-se sempre no respeito pela pessoa humana, dentro de uma perspectiva antropológica cristã, e a consequente inserção e participação na comunidade.

A visão que o Pontifício Conselho tem sobre a internet, em linha com os outros pronunciamentos anteriores do Magistério sobre a comunicação social em geral e sobre a internet em particular, é extremamente positiva, realçando algumas características importantes: instantaneidade, imediatez, alcance global, descentralizada, interativa, expansível até ao infinito em termos de conteúdo e de alcance, e flexível e adaptável de forma surpreendente (*Ibidem*). Mas ela é sobretudo igualitária, «no sentido de que, qualquer pessoa que disponha do equipamento

necessário e de uma modesta capacidade técnica, pode constituir uma presença activa no espaço cibernético, transmitir a sua mensagem para o mundo e reivindicar um seu auditório» (*Ibidem*). A internet é ambígua no que refere ao isolamento, pois pode ser um instrumento poderoso para romper isolamentos, como também um excelente refúgio para aqueles que, até a níveis patológicos, querem manter o seu isolamento.

A configuração tecnológica da internet, como não podia deixar de ser, tem uma influência considerável sobre os seus aspectos éticos:

*«uma visão idealista do livre intercâmbio de informações e de ideias desempenhou uma parte notável no desenvolvimento da Internet. Contudo, a sua configuração descentralizada (...)também demonstraram que são adequados a uma forma mentis oposta a qualquer coisa que saiba a uma regulação legítima da responsabilidade pública. Assim, nasceu um individualismo exagerado em relação à Internet. Dizia-se que nela se encontrava um novo domínio, a maravilhosa terra do espaço cibernético, onde era permitido qualquer tipo de expressão e onde a única lei consistia na liberdade individual total, de fazer o que quiser. Com efeito, isto significava que a única comunidade, cujos direitos e interesses seriam verdadeiramente reconhecidos no espaço cibernético, era a comunidade dos libertários radicais» (*Ibidem*).*

Mas, pelo contrário, o facto de se ter realizado uma expansão impar nas tecnologias da informação

*«multiplicou muitas vezes as capacidades de comunicação de alguns indivíduos e grupos privilegiados. A Internet pode servir as pessoas no seu uso responsável da liberdade e da democracia, aumentar a gama de opções em vários sectores da vida, alargar os horizontes educativos e culturais, abater as divisões e promover o desenvolvimento humano de inúmeras formas. (...) Quando se fundamenta sobre valores comuns, radicados na natureza da pessoa, o diálogo intercultural, que se torna possível através da Internet e de outros meios de comunicação social, pode constituir um “instrumento privilegiado para construir a civilização do amor”» (*Ibidem*).*

Verifica-se, então, este paradoxo: a internet pode unir, mas também pode dividir. Por isso, a bondade ética da internet depende da utilização que dela se fizer. É neste sentido que, de seguida, são apresentadas algumas preocupações.

A primeira é a denominada «divisão digital», como concretização de uma forma de discriminação entre ricos e pobres, sendo agora a separação não entre os que têm bens materiais e os outros, mas entre os que são ricos de informação e os pobres em informação.

A nível cultural, e esta é a segunda preocupação, a internet pode dar origem a uma nova forma de imperialismo cultural. Este verifica-se quando «uma cultura predominante transmite valores falsos, contrários ao bem genuíno dos indivíduos e dos grupos» (*Ibidem*). A solução, também aqui, está no diálogo intercultural para se construir e conservar o diálogo, o sentido da solidariedade internacional.

Uma terceira preocupação tem a ver com a verdade e a sua defesa, dentro de um quadro de liberdade. A verdade sofre atentados quando há mecanismos para impedir o acesso à informação, quando se realizam campanhas de desinformação, ou então quando, mercê da fragilidade económica e a conseqüente carência de meios, alguns grupos minoritários se veem desconsiderados nos seus propósitos e reduzidos a uma dimensão fragmentária. Vê-se aqui uma oposição clara da entre a Igreja católica e o denominado liberalismo radical. Aliás é esta, a nosso ver, a principal diferença entre a visão católica dos media e a cultura ambiente do nosso campo de análise. Esta oposição centra-se essencialmente nas perspectivas diferentes sobre o conceito de verdade. Vejamos o que escreveu, sobre esta matéria, João Paulo II, em 1993 na Encíclica *Splendor Veritatis*, que continua a ser a chave de leitura desta realidade, pela Igreja.

«Em algumas correntes do pensamento moderno, chegou-se a exaltar a liberdade até ao ponto de se tornar um absoluto, que seria a fonte dos valores. (...) Atribuíram-se à consciência individual as prerrogativas de instância suprema do juízo moral, que decide categórica e infalivelmente o bem e o mal. À afirmação do dever de seguir a própria consciência foi indevidamente acrescentada aquela outra de que o juízo moral é verdadeiro pelo próprio facto de provir [apenas] da consciência. Deste modo, porém, a imprescindível exigência de verdade [externa ao ser humano] desapareceu em prol de um critério de sinceridade, de autenticidade, de “acordo consigo próprio”, a ponto de se ter chegado a uma concepção radicalmente subjectivista do juízo moral.

Como facilmente se compreende, não é alheia a esta evolução, a crise em torno da verdade. Perdida a ideia de uma verdade universal sobre o bem, cognoscível pela razão humana, mudou também inevitavelmente a concepção da consciência: esta deixa de ser considerada na sua realidade original, ou seja, como um acto da inteligência da pessoa, a quem cabe aplicar o conhecimento universal do bem numa determinada situação e exprimir assim um juízo sobre a conduta justa a eleger, aqui e agora; tende-se a conceder à consciência do indivíduo o privilégio de estabelecer autonomamente os critérios do bem e do mal e agir em consequência. Esta visão identifica-se com uma ética individualista, na qual cada um se vê confrontado com a sua verdade, diferente da verdade dos outros. Levado às últimas conseqüências,

o individualismo desemboca na negação da ideia mesma de natureza humana.

Estas diversas concepções estão na origem das orientações de pensamento que sustentam a antinomia entre lei moral e consciência, entre natureza e liberdade» (João Paulo II, 1993, 32).

A situação acima é de basilar importância para o pensamento da Igreja porque, a ser como João Paulo II descreve, a ética individualista leva ao desaparecimento da possibilidade de comunidades autênticas, da existência do bem comum e, em consequência, da solidariedade. Não é, pois, de estranhar que, nos diversos documentos eclesiais, esta questão – verdade e autenticidade – sejam recorrentes, porque enraízam no essencial do pensamento cristão: Deus Trindade (comunidade de amor) enviou o seu Filho (Jesus Cristo), para revelar a vontade de Deus (que cada pessoa humana viva em comunhão com Deus e com a criação) e dar-lhe a possibilidade de receber e viver desse modo, graças à ação do Espírito Santo. Ora, este fenómeno dá-se pela recepção de algo que vem de fora, que embora tenha algo de subjetivo e muito íntimo e pessoal, tem sempre que aceitar algo externo e não apenas aquilo que a consciência pessoal quer e deseja. É a dicotomia entre autonomia e heteronomia! Mesmo a nível intraeclesial, em 2003 o mesmo Pontífice na Exortação Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, alerta para o facto de «o secularismo que contagia uma ampla faixa de cristãos que habitualmente pensam, decidem e vivem “como se Cristo não existisse”, longe de extinguirem a nossa esperança, tornam-na mais humilde e mais capaz de confiar só em Deus» (João Paulo II, 2003b, 26).

É dentro deste quadro conceptual que se compreendem as recomendações que o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais faz no documento que estamos a ver. Começa por sublinhar, de novo, que «a virtude da solidariedade constitui a medida do serviço da Internet em prol do bem comum» (PCCS, 2002a, 15). E a referência a este último permite responder à pergunta se a internet está a ser utilizada para o bem ou para o mal.

A concluir este documento, refere-se que a Igreja católica, tal como todas as outras confissões religiosas, deve estar presente, de forma ativa, na internet e dar o seu contributo «no diálogo público sobre o seu desenvolvimento» (*Ibidem*, 18). Há a consciência, por parte dos redatores deste documento, de que a Igreja não pretende ditar as decisões e escolhas, isso cabe a cada pessoa, mas procura ajudar através da oferta de critérios éticos, que se radicam não apenas estritamente nos valores

cristãos, mas também nos valores humanos em geral. Afirma-se que a internet pode oferecer um contributo valioso para a humanidade, promovendo a prosperidade, a paz, o conhecimento e o diálogo entre todos os povos.

1.1.3 Dialogar no e com o mundo

No documento *Igreja e Internet*, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais vai refletir sobre o papel e o lugar que a internet desempenha na missão da Igreja. Começa por afirmar, e isto é paradigmático, que o «interesse da Igreja pela internet constitui uma particular expressão do seu antigo interesse pelos meios de comunicação social. (...) [estes] já contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas e podem fazê-lo ainda mais» (PCCS, 2002b, 1). A Igreja católica faz uma abordagem fundamentalmente positiva dos meios de comunicação social em geral e também no caso particular da internet, considerando-os «“dons de Deus” na medida em que, segundo a intenção providencial, criam laços de solidariedade entre os homens, pondo-se assim ao serviço da Sua vontade salvífica» (*Ibidem*).

A instituição eclesial vê na história da comunicação humana uma longa peregrinação que, à semelhança do povo bíblico, vai desde Babel, baseado no orgulho, confusão e incompreensão (cf Gn 11, 1-9), até ao Pentecostes, onde todos conseguiam comunicar entre si (Act 2, 8). Neste itinerário, a Igreja descobre que Jesus Cristo é o comunicador perfeito (MARTINS, 2000). Ela dá-se conta de que a sociedade atual é animada e moldada pela comunicação, e apesar de se terem descoberto nela limitações, contradições e práticas que a obrigam a adaptar-se e a transformar-se, muitas das suas consequências são-nos ainda desconhecidas. É necessário compreendê-las, uma vez que a mentalidade resultante daqui modela a cultura, e os modos de pensar tornaram-se diferentes dos do passado. E a Igreja bem o sabe pela sua própria experiência.

O mundo tecnológico apresenta-se como algo de enigmático aos seus olhos, tanto mais que acarreta consigo um estado de crise preocupante. Esta é-o porque não tem paralelo com nenhuma época anterior. A especificidade desta vem-lhe da enorme mudança que a caracteriza. A resposta à questão do sentido era, normalmente, herdada do ambiente familiar, social e religioso circundante. Hoje não

é assim e a Igreja percebe que algo tem de mudar. Perante as diversas vagas de sentido, que chegam até a contradizer-se, surge a inevitável pergunta se não haverá um verdadeiro sentido que acabe por se impor? Pode surgir a postura que reconhece o homem sedento de absoluto, que não se realiza nesta vida, sem contudo negar a possibilidade de vir a realizar-se. Perante a morte, a radicalidade do problema humano faz emergir na consciência a aspiração que o habita: realizar-se infinitamente.

A partir da morte pode reconhecer-se, também, a impotência do homem para construir sozinho a sua realização. É aqui se abrem duas hipóteses: ou o homem reconhece que a vida terrena – projeto e aspiração a ser mais – tem sentido e abre, então, a possibilidade da esperança de um futuro transcendente; ou aceita que a vida não tem sentido e é o desespero total.

A descoberta do sentido para a vida, integrando o sentido da morte, revela a precariedade e a finitude de uma vida sobre a qual assenta o desejo de absoluto que se espera. É a descoberta da liberdade ansiada, aquela que se tem devido a uma liberdade transcendente. O desejo de liberdade infinita do homem dá lugar à descoberta da condição de possibilidade da liberdade humana: Deus. A realização humana surge a partir do ser pessoa, da relação.

Mas o sentido é um dom, oferecido pelo mistério do Verbo encarnado. «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a vocação sublime» (GS 22). O mistério do homem revela-se através do mistério de Cristo, chamado a participar da sua filiação. Quando o homem descobre que é amado pelo Pai, em Cristo e através do Espírito, revela-se a si mesmo, descobre a grandeza de ser objecto da benignidade divina, receptor do amor do Pai revelado em Cristo. O mistério trinitário é o único capaz de realizar o homem, é o mistério iluminador do sentido. A expressão desse mistério faz-se pela vivência da comunhão, onde o ser não sem os outros impele para a solidariedade e para o diálogo.

Jesus Cristo, através da sua vida e pregação, na visão da Igreja, é o mediador do sentido, o único intérprete dos problemas humanos. Em Cristo, o homem pode

compreender, realizar e superar-se continuamente; pode ver, por fim, realizada a sua identidade. O ser insaciado, sacia-se.

Falar do homem é falar de comunicação, já que o ser humano não pode passar sem comunicar; partilhando com o outro as suas intuições, verifica a sua validade. É este exercício que impele também o ser humano para uma vida comunitária.

À Igreja cabe apresentar o Deus que quer estar em relação estreita com a humanidade: por isso, as questões deste devem ser tidas em conta, em ordem a uma oferta de alternativas válidas, dialogadas com as categorias de pensamento usadas na contemporaneidade.

Deus, numa relação de amor salvífico com o homem, sai do Seu mistério, revelando-Se. O homem, convertendo-se, responde com a fé à verdade transformadora. Por isso, continua a ser tarefa prioritária da Igreja dizer, hoje, a Revelação.

A Palavra de Deus apresenta-se, no Antigo Testamento, sob muitos aspectos, mas mantém a característica de ser uma palavra que, simultaneamente, revela e esconde: não se deixa reduzir a simples significados verbais. No Novo Testamento, esvai-se a diferença de níveis de comunicação entre Deus e o homem, provenientes das diferentes naturezas, humana e divina. Jesus Cristo possibilita o encontro face-a-face de Deus com o homem, numa comunicação em que o emissor e o receptor se situam nas mesmas coordenadas de espaço e de tempo. Assim, Cristo é o comunicador perfeito, na medida em que nele encontramos concentrada e realizada a imagem da possibilidade de realização da comunicação ideal, expressão da totalidade, sem lugar para equívocos.

«Sabendo Jesus que chegara a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele que amara os Seus que estavam no mundo, levou até ao extremo o Seu amor por Eles» (Jo 13, 1). É o auge da doação: a palavra articulada faz-se palavra imolada. Na Cruz, Jesus Cristo mostra o amor de Deus aos homens; a palavra de Deus esgota-se até ao silêncio. A hora da morte e do silêncio é a suprema expressão do amor oferecido à humanidade. Aquilo que na comunicação divina é incomunicável diz-se agora com os braços estendidos e o corpo dilacerado.

No acontecimento ressurreição – onde a humanidade de Cristo se torna veículo para a expressão e manifestação da Sua divindade –, Cristo ratifica-se como

código e como chave interpretativa do código que permite penetrar a mensagem divina sem equívocos.

Face a Cristo, o «comunicador perfeito», subsistem ainda ruídos, provenientes do homem, do medo e da incapacidade para se interrogar. A comunicação perfeita só se realiza num contexto escatológico, onde o ruído é anulado e o homem entra em comunhão perfeita com Deus, num perpétuo e sempre novo diálogo.

À luz deste acontecimento, a relação entre o homem e Deus é, pois, reflexo do diálogo trinitário, gerador de comunhão amorosa, na qual o homem é chamado a participar. A fé, deste modo, não só dialoga com as diversas culturas como é capaz de gerar uma nova cultura.

Depois de procurarmos explicitar o conteúdo significativo da expressão – Jesus Cristo é o comunicador perfeito – estamos em condições de entender o interesse que a Igreja católica vê na internet. E este é duplo: por um lado, procura encorajar o seu progresso de forma humana e respeitadora do bem comum; por outro, vê na internet um poderoso instrumento para a comunicação interna e externa, entendida à luz dos princípios que explicitamos acima, mas que o documento resume desta forma:

«encontra o seu ponto de partida na comunhão de amor entre as Pessoas divinas e na sua comunicação conosco», e é na realização da comunhão trinitária que “alcança a humanidade: o Filho é o Verbo, eternamente ‘pronunciado’ pelo Pai; em e mediante Jesus Cristo, Filho e Verbo que se fez homem, Deus comunica-se a si mesmo e a sua salvação às mulheres e aos homens”.

Deus continua a comunicar-se com a humanidade através da Igreja, portadora e guardiã da sua revelação, confiando unicamente ao seu ofício do ensinamento vivo a tarefa de interpretar a sua palavra de maneira autêntica. Além disso, a própria Igreja é uma communio, uma comunhão de pessoas e de comunidades eucarísticas que derivam da comunhão com a Trindade e nela se reflectem; por conseguinte, a comunicação pertence à essência da Igreja. Mais do que qualquer outro motivo, esta é a razão pela qual “a prática eclesial da comunicação deve ser exemplar, reflectindo os padrões mais elevados de verdade, credibilidade e sensibilidade aos direitos humanos e a outros importantes princípios e normas”» (PCCS, 2002b, 3).

Daí que não é de estranhar que a Igreja se sinta impulsionada para o uso das novas tecnologias, até porque tem consciência que há uma nova cultura, criada pelos

meios de comunicação social, nomeadamente os digitais, onde também é preciso estar presente, para anunciar o Evangelho. «Realizar isto é ainda mais importante nos dias de hoje, não apenas porque os meios de comunicação actuais influenciam fortemente sobre aquilo que as pessoas pensam acerca da vida mas também porque, em grande medida, “a experiência humana como tal se tornou uma experiência vivida através dos mass media”» (*Ibidem*).

Chegados aqui, entramos no núcleo deste Documento, onde são apresentados as oportunidades e desafios que a internet representa para a Igreja. Esta espera que as comunicações que se realizam na Igreja e por ela constituam sempre no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo. Este deverá ser sempre o tema central, que se desdobra, depois, na palavra profética e libertadora, dirigida a cada pessoa; «é o testemunho prestado, face a uma secularização radical, à verdade divina e ao destino transcendente da pessoa humana; é, perante os conflitos e as divisões, a tomada de posição pela justiça, em solidariedade com os crentes, ao serviço da comunhão entre os povos, as nações e as culturas» (*Ibidem*, 5). Este anúncio precisa de ser precedido, por parte da Igreja, por uma aturada pesquisa compreensiva do fenómeno da internet: «a Igreja precisa de compreender a Internet» (*Ibidem*), para poder comunicar eficazmente com os indivíduos e as culturas que se encontram imersas e emergem do uso das novas tecnologias.

Os benefícios que as novas tecnologias advêm à Igreja são, desde logo, o acesso imediato e direto a grandes quantidades de recursos: livrarias, museus, lugares de culto, documentos do Magistério¹, escritos dos Padres e Doutores da Igreja, bem como muita da sabedoria popular que vai sendo deixada nas presenças individuais dos crentes na internet, em fóruns e blogues. A internet tem a capacidade de ultrapassar distâncias e derrubar isolamentos, promovendo e tornando possíveis contactos, ainda que virtuais num primeiro momento, entre pessoas de boa vontade que têm os mesmos interesses. Aos crentes que participam em comunidades de fé presencial, e aquelas que forem surgindo no espaço virtual, esta nova possibilidade dá as ferramentas necessárias para se encorajarem e auxiliarem mutuamente. Por tudo isto, «mediante a selecção e a transmissão de dados úteis, através deste meio de

¹ (veja-se www.vatican.va)

comunicação, a Igreja pode prestar um importante serviço tanto aos católicos como aos não-católicos» (Ibidem).

«A Internet é relevante para muitas actividades e programas da Igreja — a evangelização, incluindo a reevangelização e a nova evangelização, e a obra missionária tradicional ad gentes, a catequese e outros tipos de educação, notícias e informações, apologética, governo e administração, assim como algumas formas de conselho pastoral e de direcção espiritual. Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e directa do Evangelho, contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos utentes. Ela também oferece à Igreja formas de comunicação com grupos específicos — adolescentes e jovens, idosos e pessoas cujas necessidades as obrigam a permanecer em casa, indivíduos que vivem em regiões remotas e membros de outros organismos religiosos — que, de outra forma, podem ser difíceis de alcançar» (Ibidem.).

A Igreja, nas suas diversas instituições, tem uma presença muito assimétrica na internet. Há instituições e organismos com uma forte presença e outros que ainda não deram qualquer passo significativo. Estes «são encorajados a considerar a possibilidade de o fazer quanto antes» (Ibidem).

A internet como instrumento de comunicação interna é, para a Igreja, um campo ainda pouco descoberto, até porque exige uma mudança de perspectiva no tocante à comunicação, nomeadamente a institucional. A clássica distinção entre emissor e receptor esvai-se, sendo cada pessoa, nas novas plataformas e através delas, ambas as coisas. É aqui, a nosso juízo, que a comunicação direta, imediata, interativa e participativa torna mais fácil e real a concretização da «Igreja comunhão», querida e delineada desde o Concílio Ecuménico Vaticano II.

De facto, os documentos anteriores já apontavam neste sentido, diz-se mesmo que «a tecnologia é nova, mas não a ideia» (Ibidem, 6). Na Constituição Dogmática sobre a Igreja (21 de Novembro de 1964), *Lumen Gentium*, o Concílio diz expressamente que os fiéis devem manifestar

«as suas necessidades e aspirações. Segundo o grau de ciência, competência e autoridade que possuam, têm o direito, e por vezes mesmo o dever, de expor o seu parecer sobre os assuntos que dizem respeito ao bem da Igreja. Se o caso o pedir, utilizem os órgãos para isso instituídos na Igreja, e procedam sempre em verdade, fortaleza e prudência» (LG 37).

O mesmo Concílio publicou um Decreto sobre os Meios de Comunicação Social (4 de Dezembro de 1963), *Inter Mirifica*, onde, no seu número 23 estipula que se publique, depois de um aturado estudo e ponderação, uma instrução pastoral sobre esta matéria. Compreende-se a prudência na abordagem desta realidade nova e tão emergente, como é o lugar e papel da Comunicação Social na missão da Igreja. O Pontifício Conselho para os Meios de Comunicação Social publica, então, a 23 de Maio de 1971 a Instrução Pastoral sobre os Meios de Comunicação Social, *Communio et Progressio*. Este foi um documento marcante no peregrinar da Igreja, no que diz respeito aos meios de comunicação social. Não estranhemos que aí não se aborde a internet, estávamos em 1971, mas abordam-se princípios que, agora sim a internet, ajudam a tornar mais evidentes e concretizáveis. Referimo-nos concretamente à necessidade de diálogo entre todos os membros da Igreja (CP 115).

Para que este diálogo seja possível e proveitoso

«é necessário que os católicos se consciencializem daquela verdadeira liberdade de expressão de pensamento que o “sensus fidei” e a caridade lhe conferem: o “sensus fidei”, que é estímulo e força do Espírito da Verdade, que os faz aderir, em união e sob a guia do Magistério, à Fé da Tradição-adesão profunda, e, por isso mesmo contínuo aprofundamento e aplicação na vida prática; e a Caridade, que eleva aquela liberdade à comunhão na própria liberdade de Cristo, redentor que libertando-nos do pecado, nos tornou livres de tudo julgarmos segundo a sua vontade. As autoridades responsáveis favoreçam e procurem que exista na Igreja, graças à liberdade de expressão e de pensamento, uma troca legítima de opiniões» (CP 116)

Esta necessidade e direito ao diálogo, para que a Igreja seja aquilo que deve ser, é tão importante e cara à instituição eclesial que fez disso texto de lei. O Código de Direito Canónico (25 de Janeiro 1983), no cânone 212 §3 refere explicitamente que os fiéis têm o direito e o dever de manifestar a sua opinião.

Estas disposições doutrinárias e regulamentares da Igreja católica têm, então, na internet excelentes recursos para serem concretizadas. São um excelente recurso de administração e de governo!

Outro dos campos onde a internet é vista com particular interesse pela Igreja é no campo a formação e do ensino. E olha-a em duas perspectivas: na aprendizagem de como usar bem estes recursos e no potencial que estes recursos são para a

formação dos cristãos. Quanto à formação para o uso destes recursos, exorta-se não só a que se adquira competências para estar com sabedoria neste mundo informático, mas também que a formação dos diversos agentes de pastoral contemple o treinamento para a sua utilização. Como recurso para a formação, exorta-se a que se ofereçam recursos para a formação permanente, quer em grupo, quer para a aprendizagem individual (cf PCCS, 2002b, 7). Destaca-se que a internet é multimédia, utiliza a «linguagem total», criando um «novo mundo», pelo que

«a formação sobre a Internet e as novas tecnologias exige muito mais do que o ensino das técnicas; os jovens têm necessidade de aprender como agir correctamente no mundo do espaço cibernético, discernir os juízos de acordo com critérios morais sólidos a respeito daquilo que nele encontram e lançar mão das novas tecnologias para o seu desenvolvimento integral e o benefício dos outros» (PCCS, 2002b, 7).

Esta nova realidade que está a desabrochar, a internet, coloca novos desafios à Igreja católica e esta vê aqui alguns perigos, ou melhor, preocupações, que têm a ver, sobretudo, com o conceito de verdade. Por isso, se a única verdade absoluta é aquela que diz que não há verdades absolutas, a missão eclesial está seriamente comprometida. A presença no mundo da web tem de ser acompanhada de algumas cautelas. Desde logo, distinguindo o que são sítios fidedignos e doutrinalmente sólidos, daqueles que, mesmo denominando-se católicos, não são reconhecidos como tal, em razão do seu conteúdo, pela Igreja católica. Os grupos ligados à Igreja devem estar presentes e atuantes na internet, mas é preciso também saber distinguir «*as interpretações doutrinárias excêntricas, as práticas devocionais idiossincrásicas e as colocações ideológicas que se identificam como “católicas”, das posições autênticas da Igreja» (Ibidem, 8)*. Mas como fazer isso? Como «capacitar» os cristãos para uma justa e equilibrada seleção. A resposta está, a nosso ver, no «sensus fidei», ou seja, numa iniciação à experiência cristã integral que capacite cada membro da Igreja para um adequado e esclarecido discernimento, a partir da vocação baptismal, pois,

«O Povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cfr. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, “desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis”, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela acção do Espírito de verdade, o Povo de Deus,

sob a direcção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavra de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida» (LG 12).

Esta capacidade de discernimento não existe em ordem a um quietismo doutrinal, mas sim à natural e queria evolução da Tradição, que no diálogo com cada situação e cultura, vai retirando sempre significados novos do tesouro da fé. Pois o

«Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz, distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1 Cor. 12,7). (...) o juízo acerca da sua autenticidade e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom» (LG 12).

Ou seja, a aprendizagem para a distinção entre o que é correto e errado faz-se no diálogo recíproco entre todo o Povo de Deus, com o respeito pela missão de cada fiel. Ou seja, quanto maior for o diálogo e a presença dos cristãos na internet, mais facilmente cada membro da Igreja poderá, em comunidade crente, discernir da verdade de cada presença digital.

Porque um dos problemas que se coloca hoje às confissões religiosas em geral, e à Igreja católica em particular em razão do seu critério de ortodoxia, é o facto de haver simpatizantes, e no caso da Igreja crentes, que não aderem à verdade total da fé que dizem professar, mas escolhem um ou outro aspecto que vá de encontro aos seus interesses. Isto, como princípio pode não ser mau, porque respeita a liberdade individual. A questão prende-se com o facto de que aderir à Igreja implica assumir um corpo doutrinal mínimo, comum a todos os cristãos. Se não se aceita esse corpo doutrinal na sua totalidade, não se faz uma experiência de fé cristã. Este fenómeno, crenças fragmentárias, não é novo, mas importa saber até que ponto a internet favorece ou não este fenómeno.

Juntamente com a fragmentação da fé, há a ‘virtualização’ da vida religiosa. Não é possível fazer uma experiência de fé cristã sem a presença física numa comunidade de crentes. É possível fazer uma experiência religiosa, mas não total. O desafio está em «pensar em como orientar as pessoas no espaço cibernético para a

verdadeira comunidade e como, através do ensino e da catequese, a internet pode vir a ser utilizada em ordem a apoiá-las e a enriquecê-las no seu compromisso cristão» (*Ibidem*, 9).

À medida que o documento se encaminha para o final, começa a fazer algumas recomendações. Assim, desafia

«as pessoas, a todos os níveis da Igreja, [para que] lancem mão da Internet de maneira criativa, para assumirem as responsabilidades que lhes cabem e para ajudarem a Igreja a cumprir a sua missão. Na perspectiva das inúmeras possibilidades positivas apresentadas pela Internet, não é aceitável hesitar timidamente, por medo da tecnologia ou por algum outro motivo» (Ibidem, 10).

Para isso, desafia os líderes da Igreja a esforçarem-se por compreender esta nova realidade, para que a internet possa ser usada como instrumento de diálogo, formação e promoção humana.

Às pessoas comprometidas nos diversos âmbitos da pastoral deve-lhes ser facultada formação sobre o uso e o impacto da comunicação social na vida dos indivíduos, para que os possa ajudar a adquirir uma linguagem e forma de comunicar, capaz de «dialogar com as pessoas na cultura dos mass media» (*Ibidem*, 11). Por outro lado sublinha-se que aos educadores e catequistas é-lhes recomendado que formem pessoas capazes de serem utentes dos meios de comunicação social apoiados nos princípios cristãos relevantes, para mais na era da Internet, com todo o impacto que ela tem.

A vigilância e acompanhamento é a principal tarefa pedia aos pais cristãos, se bem que para isso os progenitores terão de se esforçar por conhecer e manusear as novas tecnologias, e disponibilizá-las, sempre que possível, aos educandos.

Os jovens e as crianças são alertados para o «isolamento patológico» e a darem testemunho cristão. «No espaço cibernético, pelo menos na mesma medida que em qualquer outro lugar, eles podem ser chamados a navegar contra a corrente, a praticar o contraculturalismo e até mesmo a ser perseguidos por amor àquilo que é verdadeiro e bom» (*Ibidem*).

O documento conclui com a sugestão de algumas virtudes a serem cultivadas não só pelos cristãos, mas por todas as pessoas de boa vontade, em ordem ao bom

uso da internet (*Ibidem*, 12). São elas: prudência, justiça, fortaleza e coragem, e temperança.

Prudência para observar as implicações deste novo instrumento de comunicação e a enfrentar de maneira criativa os seus desafios e as suas oportunidades. A *justiça* ajudará a eliminar a divisão digital, entre ricos e pobres, em ordem ao bem comum. A *fortaleza e coragem* são necessárias para «defender a verdade diante do relativismo religioso e moral, o altruísmo e a generosidade perante o consumismo individualista, e o decoro face à sensualidade» (*Ibidem*). Por último, a *temperança* é a virtude que ajudará a utilizar com disciplina este recurso de forma sábia e apenas para bons fins.

1.1.4 A visão do Episcopado português

O ano de 2002 foi um ano de viragem, ou melhor, em que se colheram muitos dos frutos que tinham sido plantados e cultivados ao longo dos anos anteriores, por um lado. Por outro, a tecnologia disponível também a isso possibilitou. É neste contexto que nos interessa ver como, em Portugal, a Igreja via este fenómeno. A 11 de Abril de 2002, a Conferência Episcopal Portuguesa publica uma Carta Pastoral sobre esta matéria, denominada «Na Era da Comunicação Social». A primeira observação a fazer-se, até sugerida pelo título, é que a hierarquia eclesial portuguesa não estava a conseguir acompanhar muito de perto os ‘sinais’ que vinham do exterior, mercê, por certo, da realidade eclesial que então se vivia. A sua reflexão está muito centrada na utilização do meios «clássicos» e só muito superficialmente aborda os meios digitais, aí denominados por «internet».

Analisando em maior profundidade este texto verificamos que depois das considerações iniciais, a Carta Pastoral reafirma que “*nada [há] de mais profundamente humano do que a ânsia de comunicação. Por isso, a Igreja, perita em humanidade, não tem deixado de acompanhar com grande solicitude os processos de comunicação*» (CEP, 2002, nº 2). Na sequência dos grandes Documentos da Igreja sobre a comunicação – *Communio et Progressio* (23-05-1971), *Aetatis novae* (22-02-1992), bem como das Mensagens dos Papas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (desde 1967) – este documento aborda a comunicação social como fenómeno, referindo que

«Comunicar é viver e a morte é vista como ausência de comunicação. (...) O isolamento é óbice à realização pessoal, e portanto à felicidade. (...) A vida humana só progride em quadros de comunhão e comunicação. O progresso dos povos, classes ou grupos humanos depende do grau de comunicação por eles alcançado, pois é esse grau que mede a soma dos conhecimentos vitais que definem o seu estágio de desenvolvimento» (CEP, 2002, nº 5).

É no quadro de uma antropologia cristã que se percebe que a Igreja vai mais longe, para além da comunicação humana, e está é compreendida à luz do mistério de Deus, revelado em Jesus Cristo (Kasper, 1994; José Ignacio Gonzáles Faus, 1987; Joseph Gevaert, 1993). É um dado comum, aceite em toda a Teologia, que o próprio Deus, sendo um só, o é na comunhão dialogante das três Pessoas divinas. O mistério – aqui entendido em sentido cristão e não grego (Karl H. Neufeld, 1994) está no perfeito conhecimento que Deus tem de Si mesmo e se diz numa Palavra pessoal, o Verbo, como o Pai que gera espiritualmente o Filho, e ao mesmo tempo na comunhão unitiva de Ambos por um impulso de Amor igualmente pessoal, a que a mesma Revelação dá o nome de Espírito Santo.

«Cristo à imagem e semelhança de Deus, também o ser humano busca a verdade e o amor, o que implica necessariamente diálogo e comunhão com o outro. E neste outro se inclui o próprio Deus que, no projecto da criação, pensou os homens como seus filhos e a humanidade como sua família, e depois de lhe falar, primeiro por sinais do mundo criado e mais tarde pela boca dos profetas, lhes falou finalmente, na mais perfeita linguagem humana, pelo seu Filho feito homem.

À luz destes mistérios, descobre-se com mais clareza a razão profunda da socialidade humana, de que é expressão forte a sexualidade. Esta distingue e tende a unir complementarmente o homem e a mulher na mais conseqüente comunhão entre seres humanos, a que está ligada palavra de ordem de Deus: «crescei e multiplicai-vos», dando origem à família. Nela se aprende a dialogar e a viver em conjunto, preparando os seus membros para quadros de relacionamento e de colaboração mais alargados, quer informais quer institucionais. Por isso, a Igreja tanto se empenha em defendê-la». (CEP, 2002, nº 7).

Consideramos que fica assim clara a importância antropológica do fenómeno da comunicação e também a razão pela qual a Igreja tanto tem falado da família, e da sua defesa, mesmo nos pronunciamentos sobre a comunicação social e os novos media.

Mas se comunicar é um ato inerente a todo o ser humano, para compreender o atual estado da questão, a *Conferência Episcopal Portuguesa* aponta três factores compreensivos para o fenómeno atual (Cf CEP, 2002, nº 8-9). O primeiro é o

progresso científico e técnico que forneceu ferramentas suficientemente fortes para abarcar grandes públicos e ir ao seu encontro. O segundo factor é o desenvolvimento cultural das populações que lhe permitem utilizar e perceber os novos meios e as consequentes linguagens. O terceiro factor é o acesso generalizado das populações a esses meios, mercê de um desenvolvimento económico, social e político.

Este desenvolvimento, porque é uniforme e respeitador de todas as pessoas, merece o seguinte reparo: *«Tais diferenças reflectem os lamentáveis desequilíbrios na distribuição de bens que se verificam na humanidade actual e que uma comunicação social de escala planetária põe cada vez mais em evidência»* (CEP, 2002, nº 9). Perante esta realidade, a Igreja reafirma o valor e a necessidade de valorizar o denominado «bem comum», tal e como acima nos referimos a ele. Até porque, *«pela sua força persuasiva, pelos vastíssimos públicos atingidos, pela ressonância que neles alcançam as respectivas mensagens a comunicação social tornou-se em pouco tempo num dos mais importantes factores de mutação cultural»* (CEP, 2002, nº9), a que todos deveriam, por isso, ter acesso igual e igualitário.

O documento sobre o qual nos estamos a debruçar propõe-se, de seguida, fazer uma apreciação valorativa do fenómeno da comunicação social, embora diga que este juízo não é fácil. Não é fazer um julgamento correto sobre os efeitos sociais e morais da comunicação social na sociedade hodierna. Mas uma coisa é certa, «a sua influência apressa o ritmo das transformações culturais, levando constantemente ao comum das pessoas problemas novos, para os quais precisam de respostas adequadas» (CEP, 2002, nº 10). O mesmo texto refere que aqui pode estar talvez o principal causador da crise que atingiu os processos educativos nos estados modernos, que se verificam sobretudo na família e na escola.

Depois de uma valorização muito positiva dos frutos deste ‘novo mundo’, onde se destacam o alargamento do panorama cultural, a aceitação da diferença, a solidariedade entre os diferentes povos e o maior acesso de bens e serviços, com a consequente melhoria das condições de vida, faz eco de uma ideia muito presente nos vários âmbitos eclesiais: «não se podem esquecer os atentados, conscientes ou inconscientes, contra a verdade e o bem moral, de muitas das mensagens por ela difundidas, sobretudo quando ela se encontra ao serviço de inconfessáveis interesses políticos, económicos ou ideológicos» (CEP, 2002, nº 10).

E continua:

*«Alega-se, a propósito destes desvios, o direito à liberdade de pensamento e de expressão, argumentando-se ainda com o direito do público a conhecer toda a realidade e a ser-lhe oferecido o que, mesmo secretamente, deseja. Tal argumentação não resiste ao bom senso moral nem à mais elementar preocupação educativa. **É próprio da liberdade humana servir a verdade e o bem**; e não o poder fazer tudo o que apetece. E é atentado contra a dignidade humana abusar da ignorância e das fraquezas de espíritos imaturos, ingênuos ou mal formados, que, como é sabido, povoam os diversos públicos da comunicação social»* (CEP, 2002, nº 11. O sublinhado é nosso.)

Nesta óptica, a Conferência Episcopal aborda as questões da ‘verdade’ e do ‘bem comum’, como aquelas às quais os media nunca poderão deixar de servir.

Ao referir a ‘verdade’, afirma que os meios e as linguagens devem estar sempre ao serviço da verdade, mas «consciente de que nem sempre está ao seu alcance a *verdade objectiva*, é seu dever oferecer a mais honesta *verdade subjetiva*, recusando-se sistematicamente a enveredar pelos caminhos da mentira, da subserviência, da calúnia, da difamação, da manipulação da realidade e do silêncio culpável» (CEP, 2002, nº 13). Para que este desejo se concretize, urge que os meios de comunicação estejam livres de todas as pressões que, de alguma forma, induzam a ocultar ou deturpar verdades.

No que concerne ao ‘bem comum’, e a sua prossecução por parte do media, os bispos portugueses afirmam que

«dever da comunicação social é servir o bem comum e o bem das pessoas, sobretudo das mais fragilizadas no exercício dos seus direitos, nas suas condições de vida, no seu estado de espírito ou na estima geral, emprestando a voz àqueles que não se fazem ouvir. (...) O serviço do bem inclui ainda a promoção dos verdadeiros valores da vida, da justiça, da honestidade, da solidariedade, da paz, da segurança, da saúde física e psicológica, da cultura, da religião» (CEP, 2002, nº 14).

É neste serviço ao verdadeiro bem que a Igreja se considera capaz de dar um contributo positivo às sociedades, pois à luz da revelação divina, a Igreja considera-se no direito e no dever de ajudar a fazer esse discernimento à luz da lei natural, divina e positiva, e prestar assim o seu contributo na cidade dos homens.

Para além de estar no mundo e dar o seu contributo dialogante na cidade dos homens, a Igreja assume como seu dever e missão (EN 14) o anúncio explícito de Jesus Cristo, propondo «a todo o homem a salvação de Jesus Cristo, e que o tem de

fazer no contexto de uma cultura fortemente marcada pela comunicação social, embora na fidelidade às tradicionais linguagens bíblica, sacramental e testemunhal» (CEP, 2002, nº 27)

Termino a abordagem deste documento, referindo-me àquilo que ele refere sobre o recurso da Igreja aos media. Esta,

«no seguimento do seu divino Mestre, que maravilhou as pessoas e as multidões com suas palavras e obras, sempre tem recorrido, ao longo dos seus vinte séculos de história, às diversas formas de comunicar próprias de cada época, para levar aos homens a sua mensagem e o seu testemunho. Muito se lhe deve do processo cultural dos povos, nomeadamente nos domínios das ciências, das artes e do ensino.

Hoje não se hesita em investir os possíveis recursos nos novos meios de comunicação, desde livros, revistas e jornais até às páginas de internet, passando pela rádio e pela televisão. Não basta porém que disponha de órgãos de comunicação. É preciso que tire deles o melhor rendimento, quer dotando-os de pessoal competente e dedicado, quer estimulando a colaboração entre eles, quer ainda por um esforço de coordenação que os associe na defesa e na promoção dos seus interesses» (CEP, 2002, nº 31).

Com esta, e nesta, última referência, julgamos que fica evidente a posição que a Igreja em Portugal tinha, ao tempo, sobre esta matéria. A saber: que os meios de comunicação são apenas meios, e por isso devem ser usados em favor do bem dos povos; a Igreja tem uma posição cautelosa sobre eles, mas tendencialmente muito positiva, sobretudo quando os media são instrumento de aproximação, diálogo e promoção humana; por último, a presença e compreensão do campo dos media vem-lhe, sobretudo, da compreensão que ela própria tem de Deus, um Deus que é comunhão interpessoal, que promove e encoraja todas as realizações humanas que expressem, digam e tornam possível esta matriz de compreensão e relacionamento humanos. A reflexão portuguesa é, no entanto, curta, no que à internet e possibilidades nas novas tecnologias diz respeito.

1.2. A cultura do encontro

A primeira mensagem do papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações intitula-se «Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro» (Francisco, 2014) e, como o próprio título indica, foca-se na possibilidade de encontro interpessoal que os média podem possibilitar. Ao ajudar a sentir-se mais

próximo, os média fazem perceber «um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna» (*Ibidem*). A comunicação é boa, na medida em que aproxima as pessoas e as leva a um melhor conhecimento recíproco, mas acima de tudo, quando se ouve e aprende dos outros.

A Internet, mais uma vez, é compreendida como aquela que «*pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus*» (*Ibidem*). Mas há aspectos problemáticos que importa considerar. O primeiro tem a ver com a velocidade, que superar a capacidade humana de reflexão e discernimento, o que acaba por impedir uma expressão equilibrada de cada pessoa. O outro aspecto prende-se com o grande número de opiniões expressas na Web. Este dado é, à partida bom, excepto quando promove que, na pluralidade de opiniões, cada indivíduo «*se feche numa esfera de informações que correspondem apenas às [suas] expectativas e ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e económicos*» (*Ibidem*). Por fim, outro aspecto problemático tem a ver com o equilibrado desejo de conexão, não vá acontecer que se conecte tanto com quem está no ambiente digital, que se acabe por isolar de quem está geograficamente mais perto.

A estas dificuldades, responde-se com a consciência de que a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica e que a resposta está no modo humano de habitar os média digitais. Aqui há três pontos a considerar: recuperar o sentido da pausa e da calma; potenciar a paciência com aqueles que são diferentes; e apreciar a experiência humana manifestada nas diversas culturas e tradições. Este estilo sapiencial de estar nos média conduzirá, também, a uma saber «*apreciar melhor (...) os grandes valores inspirados pelo cristianismo*» (*Ibidem*).

A comunicação está ao serviço da verdadeira cultura do encontro, na medida em que cada comunicador se faz próximo, tal como acontece na parábola do bom samaritano (Cf. Lc 10, 29-37), e cuida daqueles de quem se aproxima. O Papa define mesmo «*comunicação como “proximidade”*» (*Ibidem*). E adverte,

«Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as

estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação» (Ibidem).

Para que haja comunicação, numa rede não de aparatos tecnológicos mas de pessoas, é preciso o envolvimento pessoal. E este é o critério de fiabilidade do comunicador, e que torna o testemunho cristão capaz de alcançar as periferias existenciais. Mas este desafio implica as comunidades cristãs, a Igreja, que também nas redes digitais é chamada a acolher todas as pessoas, sem distinção, assumindo a sua identidade missionária que, no contexto da comunicação, implica levar «calor, inflamar o coração» (Ibidem).

Por fim, o testemunho nestes âmbitos, como síntese do que acima se disse, não acontece pelo bombardeio de mensagens religiosa, mas com a vontade de se doar aos outros através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas vidas, no caminho de busca de verdade e do sentido da existência humana, ao estilo dos discípulos de Emaús (Cf. Lc 24, 13-35).

A mensagem termina com o apelo a que a «comunicação seja azeite perfumado pela dor e vinho bom pela alegria. A nossa luminosidade não derive de truques ou efeitos especiais, mas de nos fazermos próximo, com amor, com ternura, de quem encontramos ferido pelo caminho» (48º DMCS).

2. A Sociedade digital

Manuel Castells (2007) descreve a sociedade contemporânea como uma sociedade globalizada, centrada no uso e aplicação de informação e conhecimento, cuja base material está a ser aceleradamente alterada por uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação, com uma consequente mudança nas relações sociais, nos sistemas políticos e nos sistemas de valores. Dá-se então origem à sociedade em rede. Para aquele autor catalão, a rede «*é um conjunto de nós interligados. Um nó é o ponto no qual uma curva se intercepta. O nó a que nos referimos depende do tipo de redes em causa*» (Castells, 2007:606). Pela sua maleabilidade e flexibilidade este conceito torna-se uma ferramenta de grande utilidade para dar conta da complexidade da configuração das sociedades contemporâneas sob o paradigma informacional.

Este desejo de permanente conectividade não é apenas resultado das possibilidades tecnológicas. Estas, isso sim, vão de encontro àquilo que são os desejos mais profundos do ser humano, e aqui em relação com a cultura cristã, que se percebe e diz pela comunhão, como realidade muito próxima da de comunicação (Zanon, 2012).

No mais íntimo do ser humano, a comunhão aparece como algo de desejável; é um valor digno de ser querido. Mas é uma realidade que «*todos nascemos sós, vivemos sós e morremos sós. E que, até nas horas menos infelizes, no mais fundo do nosso inconsciente, lateja, cruciante, a dor incurável dessa condenação*» (Torga, 1993:93). A solidão transforma-se numa fobia, em algo que impede o normal exercício da vida, pelo que é legítimo pensar-se que o sentimento de comunhão está em crise, quer socialmente, num sentido mais amplo, quer eclesialmente, num sentido mais restrito. Pois a

«crise de pertença eclesial e a recomposição caleidoscópica do religioso que ela arrasta inscrevem-se na evolução geral das nossas sociedades industrializadas e urbanas, caracterizadas pela mobilidade, particularmente pelas mudanças determinadas pelas orientações sócio-económicas, assim como pela atenuação do controle social e a valorização da capacidade de escolha pessoal» (Borras, 1993:165).

Nos nossos dias há muitos indícios que revelam o mal-estar que entrou nos sectores dirigentes, nas comunidades religiosas e no clero. Há países em que algumas comunidades religiosas e mesmo o clero fazem o inventário dos seus efetivos e

tomam consciência de constituir os «*últimos exemplares de uma espécie em perigo de extinção*» (Velasco, 1993: 7-8). Perspetivando o futuro, agrava-se o mal estar de muitos cristãos que se interrogam sobre se o cristianismo, «*semelhante a essas gloriosas ruínas de onde se tiram materiais para outras construções, se vai convertendo em algo que proporciona às nossas sociedades um vocabulário, um tesouro de símbolos, de sinais e de práticas que se empregam noutras partes, da forma que convém a cada um e cada grupo*» (Ibidem).

É um dado assente que, pela primeira vez na história, os conceitos pelos quais uma cultura se diz e pensa não são religiosos. Mas a experiência que se designa também ela como ‘religiosa’ não persiste mais, pulveriza-se somente. Multiplica-se e dispersa-se. Afasta-se das grandes instituições unificadas que eram até aqui as religiões. Ela afasta-se cada vez mais das pertenças eclesiais. Se ela ainda se diz, é através de múltiplos discursos em formação, porque nenhuma instituição está em situação ‘sacerdotal’ de dizer a todos uma verdade total. A reflexão sobre a pertença eclesial, o realizar a comunhão, levanta questões que são tratadas na identidade eclesial. Nas nossas sociedades seculares, «*a religião católica deixou de ser um fundamento social e a Igreja perdeu a sua influência sobre as pessoas*» (Petiton, 1996: 251).

Torna-se necessária uma nova visão da Igreja e da sua missão, pois durante muito séculos a certeza foi garantida pelo conceito, ou conceitos, de Deus. Deus omnisciente, omnipresente e onnipotente, não só criara o mundo como também promulgara os princípios de ação a respeito dos quais não havia dúvidas. Havia uma identidade e ética bem definidas. A Igreja, por sua vez, fazia uma hermenêutica detalhada desses princípios, e o indivíduo, que garantia seu lugar na Igreja atendo-se às suas regras, estava certo de que, independentemente do que acontecesse, ele estava no caminho da salvação (Fromm, 1969). Hoje em toda a sociedade, e não só na Igreja institucional, a identidade social, ou identidades, são questionadas. Cada indivíduo não se pode apoiar sobre um fundamento social comumente admitido por todos, porque não o há, e a questão que se põe é sobre que fundamentar a existência. Há algo que preceda o indivíduo? E se nada o precede, como é que o sujeito se pode tornar ele mesmo? (Petiton, 1996: 252). A liberdade está subjacente a esta mudança, sendo aquela um dos valores que o homem dos nossos dias defende com todo o afinco. Mas enquanto que «*para a Igreja, a comunidade precede o indivíduo e cada*

um não se pode determinar a não ser em referência ao que o precede (...). Isto explica, em parte, a crise eclesial sem precedentes que vivemos. Em consequência, devemos compreender esta crise como a elaboração de novos modelos» (Ibidem). Depois poderemos verificar se a comunhão, como tal, está em crise ou é a forma de a realizar que não responde às questões do nosso tempo.

Os cristãos admitem que a comunhão não se realiza ‘a partir de baixo’; ela é graça e dom, participação comum na única verdade, na única vida e no único amor de que Deus nos fez participantes por meio de Jesus Cristo, através da mediação da Palavra e do sacramento, no Espírito Santo (Kasper, 1986).

2.1. Cultura cristã

Para já, podemos adiantar que «*comunhão humana deriva da comunhão trinitária, como a imagem deriva do original*» (Rovira i Belloso, 1990: 223), causa exemplar e inclui a distinção, a diferença e a pluralidade (Ibidem, 218). Só se torna possível «*porque o Pai toma inteiramente a iniciativa, enviando o seu Filho como vida para o mundo*» (Alves, 1988:37).

A novidade da condição do cristão consiste fundamentalmente na sua participação na vida trinitária, que a teologia bíblica neotestamentária designa com o termo grego *Koinônia*. A salvação obtem-se através da comunhão com Cristo e com as outras pessoas. E a mística da unidade entre Deus e o homem, e entre os homens e Cristo, é no cristianismo uma mística do encontro. Assim se constata também neste aspeto que o mistério trinitário é o fundamento mais profundo e o sentido último do mistério da pessoa humana e da sua perfeição no amor (Kasper, 1994:324). A comunhão tem subjacente a dinâmica do amor divino, de um Deus que se revela aos homens e se dá a conhecer por amor.

A Sagrada Escritura, para a Igreja católica, é fonte de comunhão e cânone por onde se pode verificar a autenticidade das várias comunhões; é o garante inspirador de ulteriores comunhões, pois o homem por si só não seria capaz de comunhão; a comunhão horizontal é fruto e reflexo da comunhão vertical. Esta união e comunhão da humanidade encontra na Trindade o seu exemplo e fonte. Na verdade, Deus quis introduzir os homens no mistério do amor da comunhão trinitária (Latourelle, 1984: 301).

O amor, como fonte de coesão, é um reflexo do amor trino revelado pelos textos do Novo Testamento, no qual viver em Igreja como comunidade não significa configurá-la ao arbítrio de grupos ou maiorias. A comunidade eclesial é comunidade com Deus por Jesus Cristo e no Espírito Santo e desenvolve-se como comunidade na Palavra de Deus e nos sacramentos. Como consequência, a comunhão significa participação *comum*. Designa uma relação baseada na participação e uma realidade partilhada e exprime a *participação comum* em Jesus Cristo, no Seu Evangelho, na Sua fé (Marto, 1992:395), transmitidos pelos Doze apóstolos.

A comunhão entende-se, então, como a participação na realidade da salvação na qual Deus acolhe o crente. As comunidades primitivas, fiéis à sua missão, anunciam o Deus criador que quer a plena realização da criatura humana, e esta só se pode realizar na sociedade do amor, não pode deixar de haver relação entre a história eterna da comunhão trinitária e o processo histórico de construção da família humana. Esta comunhão fraterna tem como base a fé, em referência à doutrina dos Apóstolos: expressa-se no culto, mediante a fração do pão e as orações e toma a sua realização concreta através da partilha dos bens materiais.

A comunhão em Cristo é ativa, é dinâmica, operacional, não se ficando apenas na contemplação, mas concretiza-se em obras. A comunhão em Cristo é fonte de comunhão com os homens.

A Igreja, a partir da comunhão pericorética da Trindade, «mistério solar, ilumina o mistério lunar da Igreja, mostra-se como um mistério derivado de outros mistérios mais fundamentais, principalmente, daquele do amor e da comunhão» (Boff, 1997: 191) divinas.

A Igreja procede do Pai pelo Filho no Espírito Santo, sendo aquela obra de Deus. Mas a Igreja, que é comunhão, só se compreende e se diz, a partir de factos concretos e visíveis. Para compreender a profundidade teológica da eclesiologia da Igreja comunhão deve-se partir do facto central da vida da Igreja visível, a Eucaristia da Igreja local presidida pelo bispo, rodeada do presbitério, dos diáconos e dos fiéis, não bastando uma simples inscrição ou o pagamento de cotas para que se pertença à Igreja, e se gere comunhão. A eucaristia, como ato de ação de graças, é a presentificação simbólica e sacramental de todo o mistério da salvação. Enquanto *communio* eucarística, a Igreja é não só imagem da *communio* trinitária, mas também

a sua atualização. Ela não é apenas sinal e meio de salvação, mas também fruto da salvação. Enquanto *communio* eucarística, é a resposta sobre-excedente à questão humana originária da comunhão (Kasper, 1986).

Esta questão é mediada por símbolos, e são eles que nos reportam para o mistério. A vida religiosa é um sistema de símbolos que atualizam a presença de experiências transcendentais, extraordinárias ou desconcertantes. Qualquer símbolo, seja ou não religioso, tem um atrativo em e por si mesmo. Sem dúvida, ainda que o símbolo possa atrair e até seduzir, não pode obrigar a comunidade a objetivá-lo. Neste contexto, a qualidade da fé deve considerar-se como processual. São muitas as contingências que podem afetar a valorização dos símbolos religiosos, entre elas o facto de que, na sociedade contemporânea, as comunidades e correntes intersubjetivas raramente coincidem com as expectativas da Igreja oficial. Problema que existe igualmente em relação com o Estado. Existe um divórcio quase permanente entre a ‘criação de símbolos’ da Igreja oficial e o modo como esses símbolos são vividos a nível local e paroquial. Como consequência, a Igreja deve fazer-se a si mesma de muitas formas, cada uma delas representa uma acomodação do símbolo aos destinatários.

A Igreja presente no mundo é um sinal visível do homem originário reprimido e da libertação da sua capacidade de mistério e de símbolo, que é a condição de possibilidade de culto. A profundidade esquecida do ser humano não é egóide e fechada sobre si mesma mas relacional e foi sobre as relações originárias do homem à natureza, ao seu semelhante e a Deus que incidiu a ação perturbadora da razão com sua vontade de poder (Baptista Pereira, 1995), dando origem ao estado de crise que hoje vivemos e ao qual a *Igreja Comunhão* pode ser uma saída viável para esta situação, onde a *«Igreja, como morada de transcendência e redil materno do rebanho, deixou de ter o sentido profundo de outrora... Cada qual salva a sua alma na solidão. Como forças colectivas capazes de semear o mundo de catedrais ou de cruzadas, as religiões estão mortas»* (Torga, 1968: 60).

Hoje, a crise de pertença eclesial e a recomposição caleidoscópica do religioso que este processo arrasta consigo inscrevem-se na evolução geral das sociedades da Terceira Vaga (Toffler, 1984), caracterizadas pela mobilidade, particularmente pelas mudanças determinadas pelas orientações socioeconómicas,

bem como pela atenuação do controle social e a valorização da capacidade de escolha pessoal.

A nova fase que a humanidade atravessa foi já abordada pelo Concílio Ecuménico Vaticano II ao dizer:

«A humanidade vive hoje uma nova fase da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar de uma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa» (GS 4).

Realçando os pontos fundamentais, podemos referir a novidade da situação atual, que acarreta transformações rápidas e profundas em todo o mundo. A origem destas transformações está na atividade criadora humana, na sua capacidade de produzir novos meios e nas consequências que isso acarreta para o próprio sujeito da mudança. Este processo cria uma transformação social e cultural tais que geram novas culturas e modos diferentes de constituir sociedade.

Ainda no ambiente do Concílio, mais concretamente no desencadear próximo das suas consequências, podia-se acreditar que a crise na pertença eclesial, na ausência de comunhão, era sobretudo vivida pelas novas gerações, que acentuavam de boa vontade a referência evangélica a Jesus. Logo depois, apesar de tudo, a frase ‘sim a Jesus, não à Igreja’ revela que a pertença eclesial não era só vista de uma forma problemática pelos jovens: a situação real das condições de pertença à Igreja mudou por causa de fatores culturais, como o ambiente pluralista, a crise das autoridades, a valorização da subjetividade pessoal e a religiosidade interior, e como consequência também do Choque de Futuro que então se começa a sentir um pouco por toda a parte.

Como consequência da fé cega na ciência e num aspeto superficialmente humano, a comunhão vê na morte a sua fronteira inevitável. Todas as utopias humanas, mesmo as mais elevadas, de um reino de liberdade e justiça, não podem compensar a injustiça feita aos que já morreram, aos torturados e assassinados do passado. Assim, as utopias puramente humanas não fundamentam nenhuma esperança verdadeiramente universal. Pelo contrário, a *communio* da Igreja é *communio* também para além da morte. Só ela pode cumular o desejo humano (

Kasper, 1986). A fé cristã impele a antecipar ativamente no tempo presente o que será realidade consumada na eternidade. A Igreja deveria ser o espaço onde se vive já o que proclama a fé, o sinal sacramental da fraternidade escatológica, que, além de aguardar o significado, realiza o que significa (Ruiz de la Peña, 1982).

Perante esta realidade o desejo de comunhão, que traduz a situação espiritual do mundo, e os movimentos litúrgico, bíblico e ecuménico, movimentos internos de renovação, em que despertava a consciência eclesial, convergem na redescoberta da Igreja como comunhão.

E a inovação do Vaticano II de maior transcendência para eclesiologia e para a vida da Igreja foi o ter centrado a teologia do mistério da Igreja sobre a noção de *comunhão*, que é a ideia “central e fundamental” nos documentos conciliares. A comunhão entre os homens é o sinal e reflexo da comunidade pessoal com Deus; aquela é possível apenas como prática da adoração, como prática do reconhecimento concreto da transcendência da comunhão trinitária. O individualismo não tem lugar na Igreja pois a comunhão e a relação pessoal constituem o seu tecido.

Para mais, e segundo Walter Kasper, «*a ânsia humana pela comunhão visa algo que possa ser o uno e o todo do homem, algo que ultrapassa todo o humano e só encontra o seu cumprimento na autocomunicação de Deus, na comunhão e amizade com Deus. (...) Só Deus é a última resposta à questão que é o próprio homem*» (Kasper, 1994). A comunhão toma um lugar eminente na prática pastoral, ou pelo menos devia tomar, pois é um modo de ser, viver, relacionar-se e trabalhar em Igreja, de construir uma comunidade cristã. Por conseguinte com implicações pastorais. Deve configurar um estilo, modelo de pastoral a partir de dentro. Faz parte da realidade dos cristãos. Por isso, é necessário antes de mais cultivar o espírito de comunhão para construir a comunidade.

2.2. Cultura digital

Falar em sociedade digital, e conseqüente *cultura digital*, é referir-se a um conceito aberto e polissémico que importa concretizar. Este conceito integra uma constelação de outros muito semelhantes que importa considerar. Está próximo do de *sociedade da informação, cibercultura, revolução e era digital*. Todos eles têm, de certa maneira, algo em comum e que nos dá uma primeira compreensão do que é o

“digital”: refere-se a um ambiente de relações entre pessoas, e destas com o meio ambiente e o mundo, através da mediação das tecnologias da comunicação digital. Este processo de digitalização torna-se possível graças ao processamento de dados em máquinas cada vez mais poderosas como é o caso dos atuais computadores.

Atualmente, “cultura digital”, e segundo Manuel Castells (2007), caracteriza-se pela facilidade em comunicar e misturar qualquer produto baseado numa linguagem digital comum; pela habilidade para, em tempo real, comunicar quer ao nível global, quer local; a existência de múltiplas modalidades de comunicação; pela capacidade de reconfigurar todas as configurações, criando um novo sentido nas diferentes fontes do processo de comunicação; e, por fim, pela constituição gradual da mentalidade coletiva que produz o trabalho em rede e a inteligência colectiva.

Por outro lado, com a sociedade rede, a que, agora, Pierre Lévy (2005) chama “ciberespaço” e que é o novo sistema de comunicações que surge da interconexão mundial dos computadores. A este conceito, acrescenta-se o de “cibercultura” que significa segundo o mesmo autor o conjunto das técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar e de valores que se desenvolvem com o ciberespaço, e a consequente transformação que daí advém, importa conhecer as *«mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural»* (Lévy, 1999: 12). Com Pierre Lévy, tomamos consciência de que a cibercultura manifesta o surgimento de um novo universal, diferente de todos os outros que precederam as transformações no âmbito das tecnologias da comunicação que hoje observamos. A hipótese compreensiva que Pierre Lévy apresenta é a de que a cibercultura

«leva a co-presença das mensagens de volta ao seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio das interconexões das mensagens entre si, por meio da sua vinculação permanente das comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente» (Lévy, 1999, 13).

Na cibercultura verifica-se o universal sem totalidade (*Ibidem*, 355-360), que se caracteriza pelo facto de não possuir nem um centro nem uma diretriz, *«vazio e sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar*

em contacto um ponto [um nó] com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas» (Ibidem, 111). A cibercultura consiste na presença virtual da humanidade, é universal, mas sem recorrer a identidade de sentido, à totalidade.

Graças, agora, à tecnologia do ciberespaço, surge uma situação similar ao antes da escrita: os emissores e receptores estão no mesmo ambiente, imersos. Não por presença física, mas porque imersos no mesmo ambiente, o digital. Partilham o mesmo contexto, «*o imenso hipertexto vivo» (Ibidem, 118).*

Mas o ser universal não implica a totalidade, antes pelo contrário. Surge uma nova ecologia, digamos de periferia, em que a interconexão de mensagens gera este paradoxo:

«quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez menos perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar. (...) Esse universal dá acesso a um gozo mundial, à inteligência coletiva enquanto ato de espécie. Faz com que participemos mais intensamente da humanidade viva, mas sem que isso seja contraditório, ao contrário, com a multiplicação das singularidades e a ascensão da desordem» (Ibidem, 120).

O programa da cibercultura (Ibidem, 127-133) conjuga três princípios: a interconexão, as comunidades virtuais e, por fim, a inteligência coletiva.

A *interconexão* é uma das tendências mais fortes que dão origem à cibercultura. Opõem-se ao isolamento e postula que cada dispositivo tenha a potencialidade de estar conectado. Qualquer aparelho deve possuir um endereço na Internet. Aliás, é este o imperativo categórico da cibercultura, que faz com que se abandone o conceito de canal de comunicação, e mesmo de rede, para se adoptar o de espaço envolvente, que mescla cada indivíduo que aí emerge. A «interconexão tece um universal por contacto»(Ibidem, 127).

Por seu turno, as *comunidades virtuais*, que se apoiam na interconexão, são realidades que se edificam e desenvolvem em torno de interesses afins. Estes podem ser lúdicos, académicos, projetos comuns e outros. (Reighold, 1996) Estas comunidades surgem quando se encontram pessoas que partilham algo em comum, independentemente da sua geografia e pertenças institucionais. A participação nestas

comunidades, em certa medida, está na continuidade daquilo que são as comunidades atuais: não se trata de comunicação fria e asséptica, mas há partilha, através de sinais verbais e não verbais, de emoções e as comunidades virtuais não são uma realidade separada das atuais, estão antes interligadas e em continuidade. De facto,

«alianças intelectuais, até mesmo amizades podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como entre pessoas que se encontram regularmente para conversar. Para seus participantes, outros membros das comunidade virtuais são o mais humanos possível, pois seu estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades» (Ibidem, 130).

Por fim, a *inteligência coletiva* é algo que o ciberespaço possibilita, é o somatório de todo o conhecimento “depositado” na Web sobre os mais variadíssimos aspetos. Trata-se de *«uma inteligência globalmente distribuída, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que conduz a uma mobilização efectiva de competências. (...) o fundamento e o fim da inteligência colectiva é o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas»* (Lévy, 1997: 38). Esta é, sobretudo, a grande utopia que orienta a cibercultura. Talvez não seja ainda totalmente real, mas é exequível, na medida em que as tecnologias disponíveis o vão permitindo. Parte do princípio de que ninguém pode saber tudo e de tudo, e que o saber reside na humanidade, porque *«o saber não é senão aquilo que as pessoas sabem»* (Lévy, 1997, 38). Esta constatação implica, em vez da hostilidade, a valorização do outro, e *«em função do leque variado dos seus saberes permite-se que ele se identifique de uma forma nova e positiva, contribui-se para a sua mobilização, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, como resposta, a implicação subjectiva de outras pessoas em projectos coletivos»* (Lévy, 1997, 40).

É esta utopia que faz perseguir a concretização técnica de possibilidades sonhadas. Porque o futuro é agora no ciberespaço. E trata-se de um projeto coletivo, uma oportunidade para a vivência de um novo humanismo

Para Campbell (2010) a Igreja católica, tal como as outras religiões, na sua visão e compreensão da cultura digital, e conseqüente afetação das suas práticas, são influenciadas, sobretudo, com o entendimento que se tem do que é uma comunidade religiosa, o lugar da mediação textual e o modo como se exerce a autoridade religiosa.

O modo de representar Deus na cibercultura não depende apenas das crenças de uma determinada confissão religiosa, dos conteúdos do seu “credo”, depende também, e muito, das negociações que possam ocorrer dentro das fronteiras de uma determinada comunidade. Estas fronteiras estabelecem-se a partir dos padrões acordados para aquilo que é admissível ou não integrar e compagnar com um determinado texto de referência. O texto sagrado ou identitário. As fronteiras estão estreitamente ligadas à fisionomia daqueles que nessa comunidade têm o direito e a responsabilidade de orientar para a interpretação correta.

O papel que o texto ocupa numa determinada confissão religiosa influencia a percepção que essa confissão tem dos média. Uma representação mais experiencial terá mais dificuldade do que uma mais ligada à proclamação do texto. Observando a relação de uma comunidade com o seu texto sagrado já dá para entender o modo como se relaciona com os média. A flexibilidade ou rigidez na interpretação dos textos sagrados configura o modo como a representação de Deus é realizada no ciberespaço. E também sobre que tipo de Web será mais utilizada: Web 1.0 para concepções mais fixas e rígidas e Web 2.0 para concepções mais flexíveis e com autoridades mais participadas.

Em estreita sintonia com o que acima dissemos, está o papel da autoridade, sobretudo na relação com a interpretação autêntica dos textos. Aquilo que é considerado como fonte da autoridade religiosa, em relação com os textos, vai ser também utilizado para perceber quais serão as fontes que potenciarão a configuração religiosa na Web, ou não. Daí o esforço de comunidades mais conservadoras de limitarem o acesso ao ciberespaço. O surgimento da possibilidade de qualquer pessoa poder ter um espaço seu na Web, de forma gratuita e fácil, fez com que as relações de poder fossem reconfiguradas. O surgimento da blogosfera democratizou as vozes que se expressam com mais liberdade no ciberespaço, o que alterou a configuração dos magistérios que se ouvem. A importância acaba por ser indexada ao destaque que se alcança nos motores de buscas. O que não deixa de levantar outras problemáticas.

Com o advento da Web 2.0 e da cultura participatória (Cobo Romani e Pardo Kuklinski, 2007; Carvalho, 2008; Mota, 2009) a ela associada os indivíduos para além da apropriação dos dispositivos e das ferramentas diversificadas para uso diversificado, tornam-se eles próprios produtores de conteúdos digitais de múltiplo

formato (vídeo, fotos, texto, som) que partilham e consomem nas comunidades online onde se agregam, desde comunidades de práticas, de interesse ou nas redes sociais.

A Web 2.0 distingue-se da anterior geração ao permitir contribuir com conteúdo sem que seja necessário conhecimento técnico sofisticado da parte dos utilizadores, possibilitando assim, a sua participação na criação de conteúdo e construção de conhecimento na rede (Mota, 2009). Um sem número de ferramentas como os Blogs, Youtube, (Cruz, 2008) Flickr, *bookmarking*, Wikis, ou as redes sociais (*Facebook*, *Google +*, *LinkdeIn* ou *Twitter*) por exemplo, possuem características colaborativas, e por isso, permitem a partilha e a interação entre os utilizadores e portanto, a aprendizagem informal.

Para isso, vamos ter presente a reflexão realizada antes, articulando-a com os conceitos de *literacia digital* e *aprendizagem informal* que acontece graças à Web (Correia, 2009: 12), nomeadamente a de segunda geração. Por *literacia digital* entendemos «a capacidade de **aceder** aos *media*, de **compreender** e **avaliar** de modo crítico os diferentes aspectos dos *media* e dos seus conteúdos e de **criar** comunicações em diversos contextos» (Comissão das Comunidades Europeias, 2007: 2-3). Por seu turno, Paula Cristina Lopes define literacia digital como

«recurso básico indispensável no acesso ao conhecimento e à informação numa sociedade multimediática cada vez mais mutante e global. É essa competência, mobilizada quotidianamente em variadíssimas situações, que permite a cada indivíduo, por um lado, aceder, compreender e avaliar criticamente mensagens mediáticas, e por, outro, criar e comunicar mensagens mediáticas» (Lopes, 2012:5).

É esta literacia que torna possível a *aprendizagem informal*, entendida como «um acompanhamento natural da vida quotidiana. Contrariamente à aprendizagem formal e não-formal, este tipo de aprendizagem não é necessariamente intencional e, como tal, pode não ser reconhecida, mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões» (Comissão das Comunidades Europeias, 2000:8). Por sua vez, o *European Centre for the Development of Vocational Training* entende a *aprendizagem informal* como «resultante das atividades da vida quotidiana relacionadas com o trabalho, a família ou o lazer. Não se trata de uma aprendizagem organizada ou estruturada (em termos de objectivos, duração ou recursos). A aprendizagem informal possui, normalmente, um carácter não

intencional por parte do aprendente» (European Centre for the Development of Vocational Training, 2008, 95).

Já a *Aprendizagem ao Longo da Vida* é entendida como «toda a actividade de aprendizagem empreendida ao longo da vida, com o objectivo de desenvolver conhecimentos, capacidades, competências e/ou qualificações numa perspectiva pessoal, social e/ou profissional» (*Ibidem*,124). Se a aprendizagem informal é o fim procurado, a literacia digital é o que o torna possível, por isso a realidade que pretendemos conhecer.

2.2.1. Literacia digital e identidade digital

O conceito de literacia (Ávila, 2006), que inicialmente incluía apenas as competências básicas de leitura, escrita e cálculo, foi sendo enriquecido ao longo do tempo, graças às áreas científicas que o adoptaram, o que deu origem, na nossa área, a uma pluralidade de denominações: literacia informacional, literacia digital e literacia mediática (Lopes, 2012). Também o relatório da JISC (Beetham, McGill e Littlejohn, 2009) vai no mesmo sentido.

Ainda a este propósito a pesquisa realizada por Altina Costa e Paulo Faria evidencia que, além de estes serem temas muito estudados pela comunidade científica, «os dados analisados revelam que diferentes autores utilizam terminologias diferentes para se referirem a cada um dos conceitos» (Ramos e Faria, 2012:48). Contudo, há algumas tendências que tendem em evidenciar-se, como seja o caso de segundo os autores, a literacia digital aponta para usos elementares e instrumentais de recurso digitais e a literacia informacional para uma utilização reflexiva e crítica, baseada em processos de pensamento de ordem superior, desses recursos, ao serviço da pesquisa, tratamento e análise da informação.

Mas a medição dos níveis de literacia «há muito que se constituiu o “calcanhar de Aquiles” deste domínio» (Lopes, 2012: 5). Lopes não se limita apenas a esta constatação, elaborando uma Prova de Literacia Mediática (Lopes, 2011; 2012), para aplicação presencial, que tem como base a definição europeia de literacia mediática, acima transcrita, e na qual sobressaem quatro domínios, expressos nos

verbos que integram a definição: aceder, compreender, avaliar e criar. Estes domínios traduzem-se, depois, em três dimensões de análise: dimensão técnica, dimensão crítico-cognitiva e dimensão criativa (Lopes, 2012).

Wheeler (2010) num interessante contributo sobre esta questão propõe um "mapa" no qual descreve as *literacias digitais* fundamentais: competências no uso das redes sociais; *transliteracy*; gestão/proteção da privacidade; gestão da identidade; criação de conteúdo; organização/partilha de conteúdo; reutilização do conteúdo; filtragem/seleção do conteúdo; auto-transmissão (Self-broadcasting). Também os resultados do estudo de Boyd (2008) e subsequentes vão neste sentido.

Um outro conceito que se relaciona e com interesse para a problemática que estamos a refletir é o conceito, relativamente recente, de *identidade digital* que tem sido trabalhado em múltiplas perspectivas como por exemplo Teixeira (2010) que se dedica à transparência.

Para autores como Williams, Fleming e Parslow (2010) trata-se dum conceito que deriva das práticas que os indivíduos desenvolvem na rede e reflexo da sua trajetória pessoal, académica e profissional do indivíduo.

Ainda relativamente a esta questão e procurando fazer uma síntese com base em Martin (2008) e MacLoughlin (2011) defendem poder-se-à chegar a este consenso sobre o conceito:

- práticas sociais - suportadas por competências, estratégias e posturas que expressam a capacidade dos indivíduos representarem e compreenderem as ideias com recurso a ferramentas digitais ;
- utilização das tecnologias de forma criativa como por exemplo, o uso das ferramentas para satisfazer as necessidades pessoais e profissionais do indivíduo (Badwden, 2008; Martin, 2008) ;
- conhecimento adequado para realização da gestão de espaços digitais públicos e privados que possibilitam a construção duma identidade, que traduzem o perfil e o percurso dos indivíduos a nível académico e profissional (Costa e Torres, 2011; Aresta, 2013).

Por sua vez Warburton (2010) considera que dimensão digital da identidade do indivíduo pode ser equacionada como toda a informação existente sobre o indivíduo, desde as credenciais que permitem o acesso a sistemas fechados (plataformas) até à representação complexa do “eu” num espaço digital aberto. Para este autor, a identidade digital é fragmentada e revela-se nos diversos serviços e

redes da Web nos quais participamos, quer a nível pessoal, académico ou profissional.

White (2008) por exemplo, defende dois tipos de representação do “eu” digital: o *visitante* e o *residente*. O primeiro, é representado pelo indivíduo que cria identidades diferentes, não se ligando a nenhuma identidade concreta. Já o segundo - o residente - constrói uma identidade sólida e consistente, estabelecendo uma rede de contatos e através dela revela o conjunto das suas experiências, competências e capacidades, comunicar, interagir e partilhar online.

A este propósito, Aresta (2013) efetuou um estudo sobre a identidade digital dos estudantes universitários tendo identificado dois perfis: o primeiro, em que o estudante tem consciência sobre a sua própria identidade digital e o segundo, a reputação enquanto estudante e profissional.

Um outro conceito próximo é o de *presença digital*. Trata-se da presença digital do indivíduo na rede, quer em espaços públicos online, quer privados. Há dois eixos em torno dos quais se incrementa a identidade digital: a presença e a reputação (Costa & Torres, 2011). A presença é o resultado da participação dos espaços digitais, onde participa e interage com os outros internautas. É a pessoa, no sentido clássico, que interage e assume a sua presença online. Por seu turno, a reputação é aquilo que os outros pensam de si, a partir daquilo que é a sua ação na rede. Num mundo que se percebe sob o paradigma informacional (Castells, 2007), a reputação digital afeta também aqueles que não têm presença digital. O educador beneficia em ter uma identidade digital conhecida e valorizada pelos educandos.

Todas estas questões são complexas e inter-relacionáveis. Procuraremos no nosso estudo identificar esta problemática no contexto das práticas dos catequistas.

Parte II - Estudo Empírico

3 . Metodologia de Investigação

3.1 – Metodologia da Investigação

3.1.1 Considerações prévias

Impõe-se agora delinear um caminho que nos permita alcançar os objetivos a que nos propomos, tendo também presente a viabilidade da recolha e tratamento dos dados. No caso deste estudo, optou-se por considerar que a metodologia a utilizar deveria ser de natureza descritiva, os dados a recolher devem permitir descrever comportamentos, atitudes e situações (Coutinho, 2005), procurando observar a frequência de certos fenómenos. Os dados foram recolhidos, aplicando a técnica do inquérito por questionário, com recurso a uma ferramenta de tipo questionário online. Salvaguardando sempre a necessidade de que os dados não fosse acedidos ou alterados por terceiros (T. Anderson e H. Kanuka, 2003: 62).

Para a realização deste questionário tivemos muito presente o que T. Anderson e H. Kanuka (2003) defendem, sobretudo quando afirmam que os questionários, ao contrários de outras técnicas, como seja o caso da análise de conteúdo, permitem ao investigador realizar uma previsão precisa de uma grande população, através de um conjunto menor da população, a amostra. Dentro dos diversos tipos de questionários, os electrónicos oferecem vantagens em relação aos de papel e aos telefónicos, porque são mais económicos, e podem ser solicitados várias vezes, para reforçar o apelo à resposta, a que acresce «o aumento das oportunidades de pesquisa, conveniência, flexibilidade, as taxas de retorno mais elevadas e uma mais rápida criação e entrega» (T. Anderson e H. Kanuka, 2003: 147).

Um outro aspecto que há também que considerar são as implicações éticas da investigação, aliás muito refletidas na literatura, sobretudo em Eysenbach e Till (2001), Berry (2004), Veletsianos (2011) e Esposito (2012), sobre questões éticas em torno de investigações que utilizam a tecnologia para recolher, arquivar e efetuar o tratamento de dados.

Assim, a tomada de decisão ética esteve sempre presente, desde a elaboração do desenho de investigação até ao tratamento final, salvaguardando-se sempre os valores dos inquiridos .

3.2 – Questões de investigação e Objetivos

Na nossa investigação procuramos saber qual é o lugar que a Web ocupa na atividade dos catequistas, quer na sua formação pessoal e preparação dos encontros, quer na relação com outros catequistas, com os catequizandos e com os encarregados de educação. Procuramos, posteriormente, perceber quais são os fatores que potenciam o recursos à Web. Dito de outro modo, quisemos saber qual a adequação daquilo que no discurso oficial da Igreja se vai dizendo com a realidade dos catequistas da Arquidiocese de Braga.

Questões de Investigação

1. De que forma os catequistas usam as tecnologias digitais e a Web 2.0 no exercício da sua atividade de voluntariado (catequese) e nos ambientes/contextos informais?
2. Como se manifesta a sua identidade digital ou presença digital nos ambientes/contextos onde intervêm?

Objetivos do estudo

O nosso estudo procura alcançar os seguintes objetivos:

- Conhecer o nível de literacia digital dos Catequistas através da sua utilização da Web
- Compreender até que ponto a cultura e identidade digital está presente na sua atividade
- Conhecer os recursos digitais que procuram para a catequese
- Identificar fatores potenciadores da utilização da Web, nomeadamente a Web 2.0

3.3 – Instrumentos e Procedimento de Recolha de Dados

3.3.1 O Questionário

Para atingir os nossos objetivos de investigação e as questões de investigação recorremos à elaboração dum questionário com vários tipos de perguntas. Assim, o nosso questionário é composto maioritariamente por perguntas com resposta fechada, com recurso à escala de *Likert*, de cinco graus dividindo-se em três partes e sendo constituído por um total de 29 perguntas (cf. *Questionário, Anexo I*).

Na elaboração do questionário foram realizados vários testes e a sua validação. Primeiro com o recurso a um número de catequistas nossos conhecidos, para depois ser efetuada a sua validação final por cinco especialistas na área, bem como por vários catequistas experientes. Esta validação foi efetuada primeiro em papel, de modo presencial, e depois em formato digital, online. Com este procedimento procurou-se não só despistar os erros de entendimento, diagnosticar formulações menos conseguidas e estimar o tempo médio que demoraria o preenchimento completo como validar as perguntas do questionário e a consistência do mesmo.

3.3.1.1. – Caracterização sócio-demográfica dos respondentes

A primeira parte, onde se procura obter a caracterização sociodemográfica dos respondentes, integra as questões 1 a 7. Aqui recolhemos informação sobre a *idade* (Q1), *sexo* (Q2), *nível de escolaridade* (Q3), *diocese a que pertence* (Q4), *há quanto tempo é catequista* (Q5), *com que grupos faz catequese* (Q7) e se já realizou alguma *formação específica em catequese* (Q8).

3.3.1.2. - Literacia digital e competências digitais

A segunda parte está focada em conhecer e caracterizar a literacia digital dos respondentes, integrando as questões 8 a 15 e 17 a 23.

Para alcançarmos o nosso objetivo, e a partir da «lente teórica» (Creswell, 2010: 76) que trabalhámos até aqui, vamos conhecer o fenómeno. Para isso, vamos ter presente a reflexão realizada antes, articulando-a com os conceitos de *literacia digital* e *aprendizagem informal* que acontece graças à Web (Correia, 2009: 12), nomeadamente a de segunda geração.

Assim, no que respeita ao questionário do nosso estudo, começamos, então, por procurar saber *onde acedem à Internet* (Q8), para depois procurarmos saber *em que dispositivos* costumam aceder (Q9) e com que *frequência* (Q10) e *duração* (Q11). Quisemos depois saber qual a *percepção que os catequistas têm da sua competência em TIC* (Q12). As *atividades que os catequistas realizam na Internet* também foi objecto da nossa indagação (Q13). Quisemos depois saber qual é o comportamento dos catequistas *quando querem saber coisas novas*, sobretudo o papel que a Internet ocupa nesse processo (Q14), bem como o que acontece quando *surge alguma coisa na internet que não se entende* (Q15).

Olhando agora para competências mais práticas, quisemos saber a capacidade que os catequistas consideram ter para *encontrar, utilizar e adaptar* o que encontram na Web, bem como *participar em discussões* (Q17). Por outro lado, porque a literacia digital pressupõe alguma formação, formal ou informal, quisemos saber se o respondente tinha *frequentado alguma formação em TIC* (Q18). Para saber da sua presença na Web, procuramos saber se tinham *página pessoal* (Q19), *blogue* (Q20), bem como *as redes sociais em que tinham perfil criado* (Q21). Perguntamos, depois, diretamente se tinham *presença na Internet* (Q22) e *com que frequência o atualizavam* (Q23).

3.3.1.3. – O lugar da Web na missão catequética

Na terceira parte do questionário era constituída pelas questões 16 e 24 a 26, com as quais procuramos saber o lugar que a Web ocupa no exercício do ministério catequético. O objetivo consiste em conhecer a relação entre o nível de literacia digital e a importância da Web no exercício da catequese.

Começamos então por ver a utilização dos recursos da Web aquando da *preparação do encontro de catequese* (Q16), bem como a publicação e replicação de materiais que interessem para a missão do catequista (Q24). Quisemos também ver a

percepção que os catequistas têm da *importância* da Web nos diversos âmbitos em que a missão do catequista se desenrola (Q25), bem como a *frequência* com que diversos fenómenos importantes para a missão do catequista acontecem (Q26; Q27).

As duas últimas questões são abertas. Uma para solicitar ao catequista que enumere três *sítios que considera terem bons recursos* (Q28) e uma última pergunta, para saber se o catequista está disponível para ser contactado de novo, para obter mais esclarecimentos, se for o caso, (Q29).

3.1.4 Procedimento de Recolha de Dados

Relativamente ao procedimento de aplicação do questionário foi realizado através da solicitação para responder ao questionário através do recurso à *newsletter* do *Departamento Arquidiocesano da Catequese de Braga* e também, através das redes sociais, onde foi solicitado que os catequistas partilhassem o *link*, para chegar a um maior número de pessoas possível. Uma vez que este questionário integrará um estudo mais vasto, fizemos igual solicitação às outras dioceses portuguesas e ao secretariado nacional. O questionário manteve-se disponível durante dois meses, sensivelmente. A sua aplicação considerou a amostra como aleatória e não probabilista de conveniência.

Com ele procuramos compreender a literacia mediática ou literacia digital que os catequistas possuem, sabendo que esta é «*uma espécie de “caixa negra” que possibilita não só o acesso e uso instrumental dos Media (dimensão técnica), mas sobretudo a interpretação e avaliação crítica das culturas do quotidiano, como a cultura multimediática (dimensão crítico-cognitiva)*» (Lopes, 2012: 7). É que aos cidadãos contemporâneos

«pede-se que consumam informação mas também que a produzam, e que a produzam responsabilmente, conscientemente (dimensão criativa). Pede-se que analisem criticamente mas também que criem reflexivamente. Pede-se que acedam ao conhecimento mas também que partilhem com outros cidadãos, que intervenham no espaço público. Nas sociedades multimediáticas contemporâneas, exigem-se cidadãos proactivos, infoadictos, críticos, participativos» (Ibidem).

Procura-se também compreender até que ponto as suas competências digitais ou *e-skills* são mobilizadas para a sua ação pastoral, beneficiando-a, e beneficiando outros internautas.

Consideramos como critérios de inclusão no nosso estudo o facto de os indivíduos possuírem as seguintes condições: sere catequista no ativo, utilizar a internet, ter mais de dezasseis anos de idade e morar em Portugal. Por outro lado, consideramos como critérios de exclusão ter menos de 16 anos, não ser catequista e residir fora do País.

3.4 – Tratamento dos Dados

Uma questão com que nos confrontámos e a que urge dar resposta é a determinação da população e amostra que nos permitirá estudar o fenómeno. Consideramos como *população* de análise os catequistas que, de alguma forma, manifestam que usam a Web como espaço de busca de recursos para a sua missão. Por *amostra* iremos considerar aqueles que responderem ao questionário e que se insiram dentro da nossa população.

Depois de tratarmos os questionários e excluirmos os inválidos, ficamos com uma amostra de 1660 questionários. Estes, por sua vez, dividem-se entre 661 (39,8%) de Braga e 999 das outras dioceses do País. Em Braga existem, de acordo com os serviços diocesanos, cerca de 8250 catequistas, sendo que na sua base de dados estão inscritos 7007 catequistas. Destes, 42, 45% (=2974) disponibilizaram o seu endereço electrónico, o que se deduz que se não disponibilizaram é porque não tem ou não usam a Web como fonte de recursos para a sua tarefa catequética.

A representatividade da amostra, face aos valores estimados e aos conhecidos da população da Diocese de Braga, permite-se alcançar de forma confortável o nosso objetivo que era de ter um nível de confiança de 95%, com um erro de amostra não superior a 5%².

Olhando agora para o âmbito nacional, não há dados minimamente fiáveis sobre o número de catequistas. Se extrapolarmos os dados de Braga, embora saibamos que a percentagem de catequistas em Braga, em relação à população geral, é mais elevado, dá uma população estimada de 84615. Se se mantivesse a percentagem dos que usam o correio electrónico igual a Braga, daria um grupo de

² Cf. <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>

35919. Com estes números, os questionários recolhidos permitem-nos também aqui ter um nível de confiança de 95%, com um erro de amostra não superior a 5%.

No que respeita ao tratamento dos dados, recorreremos ao Software SPSS 20.0 para realizar o tratamento estatístico dos dados.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo começaremos por fazer uma análise descritiva dos resultados obtidos na resposta ao questionário pela nossa amostra, para depois refletir sobre os fatores que influenciam o recurso à Internet e, nesta, as potencialidades da Web 2.0.

4.1. Caracterização dos respondentes: os catequistas

O número de questionários respondidos e recebidos permitem-nos descrever e caracterizar a amostra da seguinte forma no que respeita ao género e idade: 79.3% dos respondentes são maioritariamente do sexo feminino com uma média de idades de 36.77 anos de idade, que variam num intervalo entre os 16 (mínimo) e os 72 (máximo) anos de idade (sd=12.64).

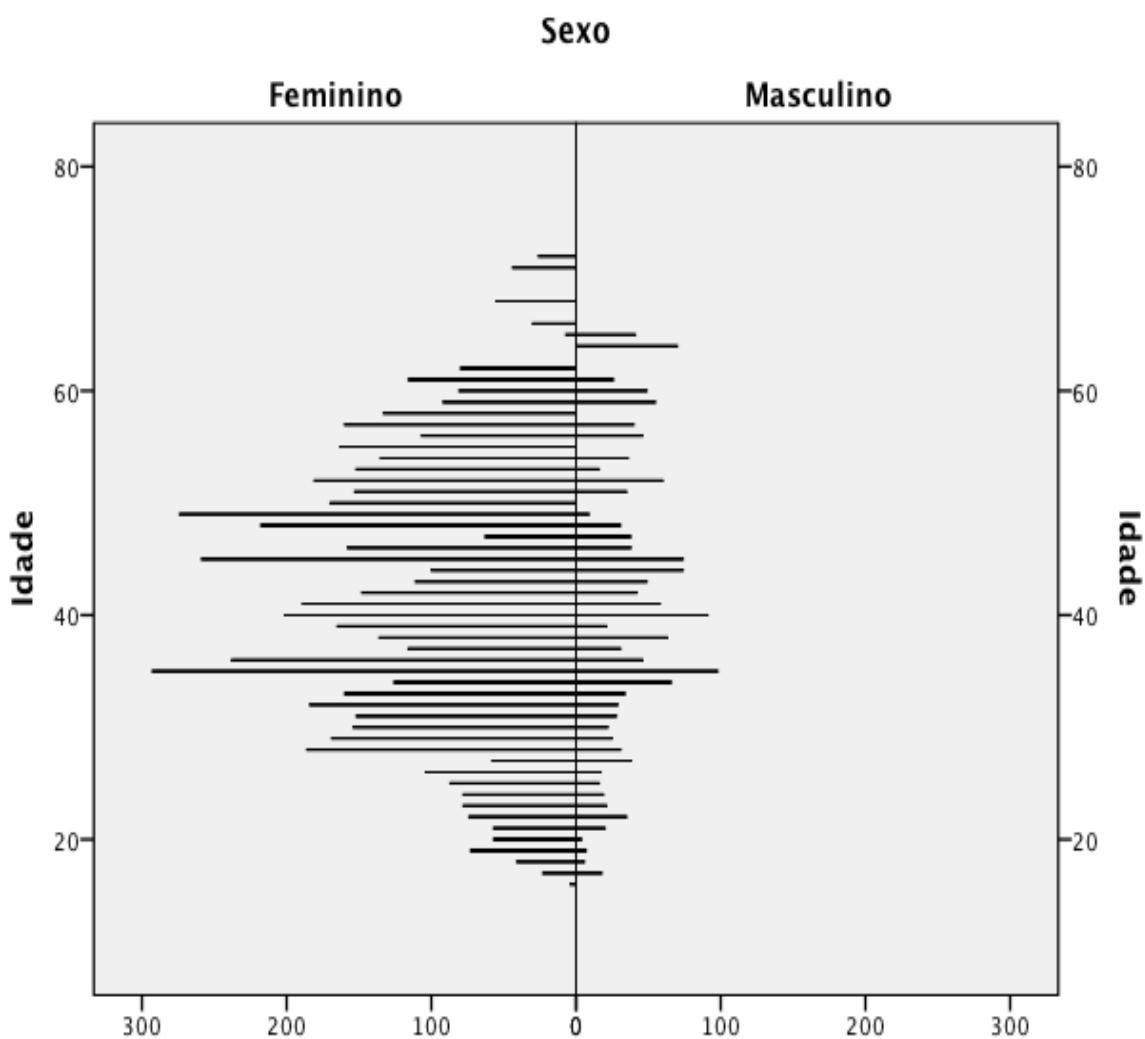


Figura 1 – Somas dos anos de catequistas, por idades

No que respeita ao *tempo de exercício da atividade de catequista*, o resultado obtido é o seguinte: em média, os respondentes têm 12.24 anos de atividade, e varia num intervalo entre 1 ano (mínimo) e os 49 anos (máximo) (sd=9.57). Este resultado é interessante na medida em que nos conduz a pensar que em média, estes catequistas terão começado a sua atividade já após o ano 2000.

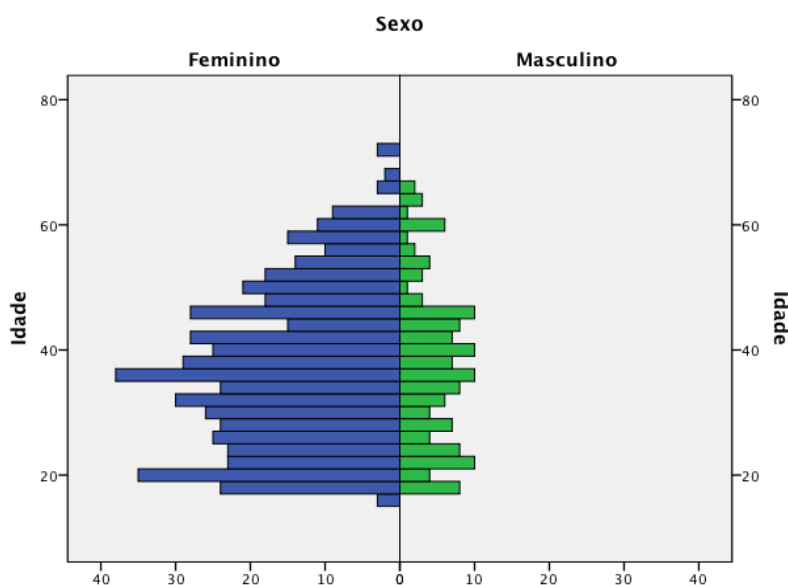


Figura 2 - Pirâmide etária da amostra

Em termos *do nível de escolaridade* a distribuição é a seguinte (cf. **Quadro 1**): 5% dos respondentes tem a 4ª classe, 2.9% tem o 6º ano, 8.3% o 9º ano, 34.6% o 12º ano, 3.2% o bacharelato, 38.1% licenciatura, 11.2% mestrado e 1.2% tem o doutoramento. Estes dados permitem concluir que a maioria dos catequistas, 53.7% tenham concluído um dos graus do ensino superior. Dos restantes, a maior faixa situa-se no *nível de escolaridade* com o 12º ano, 34.6%.

	Frequência F	Percentagem %
4º ano/classe	3	.5
6º ano/Ciclo preparatório	19	2.9
9º ano	55	8.3
12º ano	229	34.6
Bacharelato	21	3.2
Licenciatura	252	38.1
Mestrado	74	11.2
Doutoramento	8	1.2
Total	661	100.0

Quadro 1 - Escolaridade

No que diz respeito à *formação específica em catequese* (entendida como formação formal), verificamos que 71.4% dos inquiridos fez algum tipo de formação, com especial destaque para o *Curso de Iniciação* que abarca 57.03% das respostas (cf. **Quadro 2**) e 21.67% do *Curso Geral* e distribuindo-se os restantes por outros tipos de ações. Sublinhe-se que, apesar desta tendência ser a dominante, 28.6 dos catequistas que responderam não possuem formação específica formal.

Frequência de Formação Específica	%
Não	28.6
Sim	71.4
Curso Acreditar	9.89
Curso de Iniciação	57.03
Curso Geral	21.67
Estágio	4.18
Outra Formação (paroquial)	.76
Outra Formação (diocesano)	3.04
Outra	3.42

Quadro 2 - Formação específica em catequese

No que respeita ao *acesso à Internet* verifica-se que é realizado maioritariamente a partir de *casa* (79.9%), seguindo-se o *local de trabalho* com 13.2%. Registe-se ainda uma tendência emergente no acesso que é o facto da internet móvel é utilizada como forma preferente por 4.5% dos catequistas.

Ainda no que respeita ao *acesso à Internet*, os resultados obtidos demonstram que este é realizado de *forma diária* por 86.2% dos catequistas. Dos restantes, 10.1% dos catequistas acedem *pelo menos duas ou três vezes por semana* e 2.4% acedem, em média, *uma vez por semana*. Ou seja, verifica-se um elevado grau de conectividade à rede da parte dos inquiridos.

Quando interrogados sobre os *dispositivo* com que costumavam aceder à rede, numa escala de 1 a 5, em que 1 é “nunca” e 5 “sempre” (cf. Questionário, **Anexo I**), verificamos que o dispositivo de eleição é o *computador portátil*, com uma média de 4.1, seguido do *computador de secretária* (2.57) e do *telemóvel* (2.33). (cf. **Quadro 3**).

	Média	Std. Deviation
Computador de secretária	2.57	1.562
Computador portátil	4.10	1.246
Tablet/iPad	1.68	1.214
Telemóvel;	2.33	1.471
Consola de jogos	1.07	.374
Televisão	1.69	1.197

Quadro 3 - Dispositivo de acesso

No que respeita ao *tempo de conexão à rede*, por dia, verifica-se que para 18.2% dos catequistas esta ligação é *permanente* e portanto, estão sempre ligados. Contudo, 21.3% dos respondentes estão *ligados mais de três horas*, para 23% estão *ligados entre duas e três horas por dia*. Regista-se ainda que 25.9% estão *uma hora por dia* e 11.6% estão *menos de uma hora diária*. (cf. **Quadro 4**).

	Frequency	Percent
Cerca de uma hora	171	25.9
Entre 2 a 3 horas	152	23.0
Estou sempre ligado	120	18.2
Mais de 3 horas	141	21.3
Menos de uma hora	77	11.6

Quadro 4 - Tempo de conexão

Quando inquirimos sobre *os usos*, regista-se que o uso privilegiado que os catequistas dão à Internet prende-se com a *utilização do correio electrónico*, com uma média de 4.53 (sd .71), quando interrogados sobre as atividades que realizam quando vão à internet, onde 1 é “nunca” e 5 “sempre”. A segunda atividade com maior expressão é a *utilização de motores de busca* (4.46), seguida da *consulta de redes sociais* e da *consulta da base de dados*. Contudo, regista-se que a atividade de *publicação em redes sociais* por parte dos inquiridos aparece em oitavo lugar das preferências, com uma média de 3.19.

Por outro lado, um outro resultado interessante quando analisamos um pouco mais aprofundadamente o tipo de competências envolvidas no uso da Internet, ainda se evidencia uma postura de consumo de informação ou recursos digitais da parte dos indivíduos, muito embora se note já uma atitude mais *participatória* nomeadamente, no contexto das redes sociais, através do comportamento de *publicar nas redes sociais* (3.19) apesar da média obtida em consultar redes sociais ser mais elevada

(3.69). No entanto, outras atividades relacionadas com este tipo de cultura como a *publicação em blogues e em fóruns* não são muito praticadas.

Ainda a respeito desta questão, quando analisamos as *atividades menos praticadas* na Internet regista-se que aquelas referidas pelos catequistas como as que menos praticam é *jogar online*, com uma média de 1.72, e *participar em fóruns* e *publicar em blogues* com uma média de 1.92 e 1.90, respetivamente. (cf. **Quadro 5**)

	Moda	Média	Std. Deviation
Usar um motor de busca	5	4.46	.714
Consultar Bibliotecas e/ou bases de dados digitais	4	3.45	1.091
Consultar/enviar email	5	4.53	.714
Consultar blogues	3	3.03	1.206
Publicar em blogues	1	1.90	1.145
Participar em fóruns	1	1.92	1.051
Consultar redes sociais	5	3.69	1.335
Publicar nas redes sociais	4	3.19	1.382
Frequentar chats (bate papo)	1	2.07	1.225
Ler jornais	3	3.25	1.154
Ver televisão	1	2.42	1.319
Ouvir música	4	3.38	1.187
Pesquisar na Wikipédia	3	3.19	1.099
Jogar on-line	1	1.72	1.076
Fazer downloads/descarregar ficheiros	4	3.34	1.171
Fazer uploads/carregar ficheiros	3	2.64	1.266

Quadro 5 - Uso da Internet

Quanto se deparam com a necessidade de *saber alguma coisa nova*, os catequistas demonstram ter na internet um recurso frequente (3.98), mas não escolhem os primeiros resultados que aparecem (embora ainda registre uma média de 2.68), antes procuram em várias fontes e comparam as diferentes fontes e textos, seleccionando os mais relevantes (4.15). Por outro lado, quando aparece algo na Internet que não é entendido, por exemplo uma informação, os catequistas inquiridos procuram, também na Web, a solução (média 3.71, sd .94). No entanto, o comportamento de *ignorar e passar à frente* alcança a média de 2.61, sendo que logo

a seguir surgem as opções de *estabelecer comunicações com alguém que se conhece de fora da Internet* e também *a algum conhecido da Internet*, com 2.50 e 2.38 respectivamente.

Focando-nos agora na apresentação dos resultados obtidos referentes à *atividade catequética* de uma forma mais específica, procuramos saber como é que os catequistas consideram e percebem os recursos e possibilidades existentes na Web para o exercício da sua missão através dum grupo de questões como foi referido anteriormente.

Para os catequistas inquiridos, o maior contributo da Internet parece ser o *fornecimento de imagens*, com uma média de 3.98, seguido da *consulta de sítios especializados onde se sabe que há material para a catequese* (3.83). Por outro lado, a frequência dos sítios institucionais, como é o caso do *Departamento Arquidiocesano de Catequese* e do *Secretariado Nacional de Catequese* foram as opções com médias inferiores, de 3.23 e 3.10 respectivamente (Cf. **Quadro 6**).

	Mean	Std. Deviation
16.1. Vou a sítios online especializados onde sei que há material	3.83	1.008
16.2. Procuo imagens	3.98	.927
16.3. Procuo canções e outros sons	3.58	1.119
16.4. Procuo vídeos	3.53	1.118
16.5. Procuo apresentações (PowerPoints, ...)	3.40	1.229
16.6. Vou à página de catequese da minha diocese	3.23	1.306
16.7. Vou à página de catequese nacional (www.educris.com)	3.10	1.279

Quadro 6 - A internet na preparação do encontro de catequese

Olhemos agora para os valores da percepção que os catequistas têm da sua literacia digital.

	Encontrar materiais adequados para a sua formação como catequista	Avaliar a qualidade de um recurso de autoformação, que me ajude a evoluir como catequista	Adaptar um material que encontrou na Internet	Participar numa discussão na Internet, sobre questões de catequese
Mean	3.82	3.74	3.97	2.77
Mode	4	4	4	3
Std. Deviation	.775	.793	.830	1.216

Quadro 7 - Percepção sobre a literacia digital

Mas se o *correio electrónico* e a *pesquisa em motores de busca* são as atividades que tem maior destaque na *relação dos catequistas com a Internet*, como será a sua presença na rede? (Cf. **Quadro 8**).

	Frequency	Percent
Não	237	35.9
Sim	424	64.1

Quadro 8 - Presença na Web

Quando se efetuou esta pergunta de forma genérica, 35.9% dos catequistas dizem *que não tem presença na internet*, ao passo que a maioria (64.1%) diz *que possui uma presença na internet*. Quando se analisa a percentagem dos catequistas que têm perfil criado no Facebook este número aumenta consideravelmente, aumenta para 83.33% (cf. Quadro 11).

	Percent	Cumulative Percent
Não	80.9	80.9
Não, mas já tive	3.5	84.4
Sim	15.6	100.0

Quadro 9 - Página de Internet

Para procurar perceber melhor que tipo de presença estamos a falar, e quando interrogados se têm *página pessoal de internet*, a maioria dos respondentes (80.9%) dizem que *não*, e 15.6% dizem que *sim* e 3.5% refere que atualmente não tem, mas já teve (Cf. Quadro 9). Resultado parecido obtive a pergunta sobre se têm blogue. Aí, 79.3% dizem que não, 11.3% dizem que sim, e 9.4% dizem que já tiveram, mas agora não (Cf. Quadro 10).

	Percent	Cumulative Percent
Não	79.3	79.3
Não, mas já tive	9.4	88.7
Sim	11.3	100.0

Quadro 10 - Blogue

No que respeita à *presença nas redes sociais*, a rede de eleição é o *Facebook*, onde 83.33% dos catequistas têm perfil criado, seguido de *Google+* com 28.83%, *Linkedin* com 15.92%, *Hi5* com 12.46% e o *Twitter* com 11.86%. (cf. Quadro 11)

Rede Social	%
Facebook	83.33%
Google+	28.83%
Linkedin	15.92%
Hi5	12.46%
Twitter	11.86%
MySpace	3.15%
Pinterest	3.00%
Netlog	1.95%
Instagram	1.80%
Ask.fm	1.80%
Badoo	1.65%
Orkut	1.20%
Ning	.60%
Mylife	.60%
Youtube	.45%
Meetup	.30%
Twoo	.15%
Qooh.me	.15%
Tagged	.15%
Multiply	.15%
LiveJournal	.15%
Filxster	.15%
DevianArt	.15%
CafeMom	.15%

Quadro 11 - Presença nas redes sociais

A *atualização das presença dos catequistas* na internet é feita *uma vez ao dia*, em média, por 21.2% dos catequistas, ao passo que 5.4% dos catequistas atualiza a *sua presença várias vezes ao dia*. Dentro do menos ativos estão os 12.3% que

atualiza várias vezes por semana. De realçar ainda que 14.1% deles *raramente o atualiza a sua presença na internet.* Estes dados permitem-nos perceber que, para uma grande maioria dos catequistas, as suas presenças na Web são sobretudo para consultar as redes sociais (cf. **Quadro 12**).

	Percent
Nunca/ não tem presença	33
Diariamente	21.2
Raramente	14.1
Várias vezes por mês	10.0
2 a 3 vezes por semana	8.5
Várias vezes ao dia	5.4
Uma vez por semana	4.1
4 a 5 vezes por semana	3.8

Quadro 12 – Atualização da presença na Internet

Quisemos depois saber qual a *produção e partilha de recursos que os catequistas realizam na Internet.* Verificamos que 54% *nunca publica na Internet* algo que tenha feito. Numa escala de 1 a 5, em que 1 é “nunca” e 5 “sempre”, 90.6% dos catequistas assinalaram entre 1 e 3. As mesmas opções obtiveram 88.5% quando interrogados se *publicavam ou replicavam trabalhos de pessoas que conheçam,* e 95% quando se trata de pessoas que não conheçam. Podemos concluir, então, *que a partilha de recursos na internet,* por parte dos catequistas não é uma prática habitual (cf. Quadros 13, 14 e 15).

	Percent	Cumulative Percent
1	54.0	54.0
2	19.5	73.5
3	17.1	90.6
4	7.3	97.9
5	2.1	100.0

Quadro 13 - Publicar trabalhos próprios

		Percent	Cumulative Percent
	1	44.8	44.8
	2	24.5	69.3
	3	19.2	88.5
	4	8.9	97.4
	5	2.6	100.0

Quadro 14 - Publicar/replicar trabalhos de conhecidos

		Percent	Cumulative Percent
	1	58.7	58.7
	2	23.1	81.8
	3	13.2	95.0
	4	3.9	98.9
	5	1.1	100.0

Quadro 15 - publicar/replicar trabalhos de desconhecidos

Mas será que a Internet e os seus recursos é considerada importante pelos catequistas, para o exercício do seu ministério? A resposta é claramente positiva, pois a média dos que consideram importante estar atentos ao que há na Internet é de 4.21 (sd= .85; Moda=5). Acrescido ainda do facto de, em média, 3.76 (sd= .1.10; Moda 4) considerar que seria importante ter disponibilidade para participar em formações para catequistas através da Internet. Já o recurso à Web para interagir com os catequizandos, com os encarregados de educação e ver nela um espaço onde, pela publicação e partilha de recursos, se poderia ampliar o âmbito da missão de catequista acaba por ter médias inferiores (cf. **Quadro 16**).

	Interagir com os catequizandos nas redes sociais	Interagir com os pais dos catequizandos nas redes sociais	Publicar numa página de Internet materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	Publicar num blogue materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	Replicar numa rede social materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	Estar atento ao que há na Internet, que possa ajudar a ser melhor catequista	Ter disponibilidade para frequentar formação para catequistas através da Internet	Ter uma presença sua na Internet (blogue, Facebook,...), como parte integrante do seu anúncio do Evangelho
Mean	3.45	3.28	3.38	3.14	3.08	4.21	3.76	3.42
Mode	3	3	3	3	3	5	4	3
Std. Deviation	1.226	1.262	1.289	1.323	1.323	.852	1.109	1.197

Quadro 16 - Percepção da importância da Internet

O perfil do catequista médio utiliza, então, a Internet como *espaço de recolha de recursos*, com uma média de 3.96 (sd=1.04; Moda=4) e é onde vê que existe a possibilidade de melhorar a sua formação, pois a media a descoberta de coisas interessantes para a formação de catequistas é de 3.59 (sd=1.05; Moda= 4). Já como *espaço de interação*, a Internet *não é nada significativa para os catequistas*, a ver, por um lado pela pouca apetência que têm para interagir com os catequizandos e encarregados de educação e, por outro, pela quase ausência de novos contactos com outros catequistas graças ao ciberespaço (cf. **Quadro 17**).

	Já conheceu alguém na Internet porque partilhavam interesses comuns sobre catequese	Costuma seguir algum(ns) blogues, página(s) ou redes sociais para estar atualizado sobre catequese	Participa em debates/discussões na Internet sobre catequese	Partilha na Internet recursos didáticos elaborados por si, para que outros catequistas possam usar	Usa a Internet para estar em contacto com os catequistas da sua paróquia	Descobre coisas interessantes na Internet para a catequese	Descobre coisas interessantes na Internet para a sua formação cristã	Descobre coisas interessantes na Internet para a sua formação como catequistas
Mean	1.79	2.70	1.48	1.67	2.98	3.96	3.64	3.59
Mode	1	1	1	1	3	4	4	4
Std. Deviation	1.158	1.303	.841	1.027	1.444	1.001	1.047	1.053

Quadro 17 - Utilização da Internet

Este dado compreende-se melhor se tivermos em conta que a média daqueles que costumam participar em debates e discussões sobre catequese na Internet é de 1.48 (sd= .841; Moda=1). Já a Internet como espaço de continuidade das relações atuais (por oposição a virtuais) tem uma média bem melhor: 2.98 (sd= 1.44; Moda=3) (cf. **Quadro 17**).

Começam a delimitar-se agora os polos entre os quais os catequistas se movem na Internet: por um lado, menos significativo, como um espaço continuidade de relação entre os catequistas da sua paróquia, a que não será alheio o facto de o manuseamento do correio electrónico ser a atividade que mais ocupa os catequistas e o *Facebook* a rede social com mais adeptos, e, por outro, o local onde se vai buscar material para usar na catequese.

Foi por isso que procuramos saber quais os sítios que os catequistas identificam como aqueles onde há mais recursos para a catequese. O destaque vai

claramente para o sítio ABC da Catequese (www.abcdacatequese.com), referido por 49.2% dos catequistas. Este sítio apresenta-se como sendo «um projecto que resulta da necessidade constante de novos materiais e novas abordagens aos temas habituais da catequese. Assim sendo, o nosso principal objectivo é reunir num único espaço, e devidamente catalogados, todas as notícias de interesse para os catequistas, bem como outros materiais e elementos de interesse para os mesmos. Para além disso, o ABC da Catequese também quer ser um ponto de encontro de diversos catequistas, espalhados pelos quatro cantos do mundo».

De seguida, nas preferências, surgem dois blogues, ambos com o nome de “*Material de Catequese*”³, e que são referidos por 38,5% dos catequistas. Tratamos estes dois blogues em simultâneo, pois não nos foi possível aferir em alguns questionários, com exatidão, a qual dos dois se referiam, pois não se indicava o endereço, mas sim o nome do blogue, e esse é igual.

Os sítios institucionais tem uma preferência menor. O sítio do Departamento *Arquidiocesano da Catequese*⁴ foi referido por 22,4% dos catequistas, ao passo que o *Departamento Nacional*⁵ foi referido por 18% (cf. **Figura 3**). De realçar a contradição do facto de, na hora de preparar o encontro, o sítio nacional tem um valor mais elevado do que o diocesano (cf. **Quadro 19**), o que pode indiciar utilizações diferentes: o primeiro como fonte de recursos para a catequese e o outro para se manter informado, realizar formação permanente e reuniões de catequistas. Esta hipótese deduz-se da observação dos conteúdos de ambas as páginas.

³ <http://catequesematerial.wordpress.com>; <http://materialdecatequese.webnode.pt>

⁴ <http://www.diocese-braga.pt/catequese>

⁵ <http://www.educris.com>

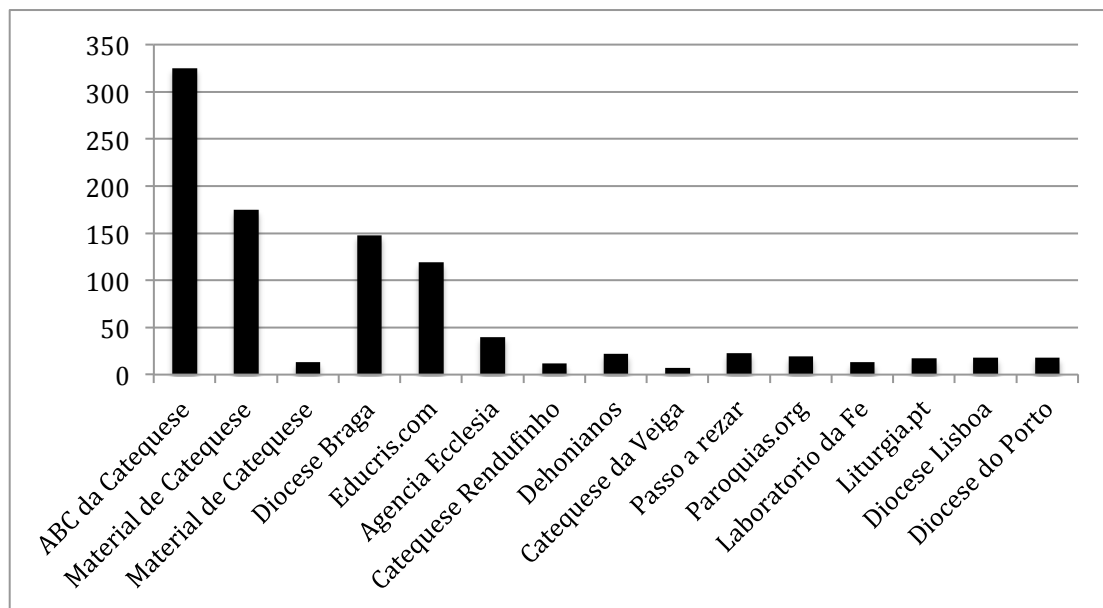


Figura 3 - Sítios mais referidos pelos catequistas

Antes de procurarmos saber quais são os fatores que mais influenciam na opção pelo recurso à Web, vamos saber qual é a competência que os catequistas consideram ter para utilizar as tecnologias de informação e comunicação.

	Mean	Std. Deviation
Utilizar o correio electrónico	4.58	.725
Utilizar um processador de texto (por exemplo, o Word)	4.41	.779
Elaborar uma apresentação (por exemplo, um PowerPoint)	4.09	1.089
Navegar na Internet	3.99	.869
Utilizar uma rede social (por exemplo, o Facebook)	3.97	1.252
Descarregar ficheiros da Internet	3.79	1.265
Utilizar uma folha de cálculo (por exemplo, o Excel)	3.52	1.225
Elaborar ou editar uma apresentação de vídeo	2.98	1.330
Publicar vídeos na Internet (no Youtube, por exemplo)	2.68	1.447
Manter um blogue	2.59	1.407
Manter uma página na Internet?	2.48	1.377

Quadro 18 – Competências digitais

Estes números estão em linha com o que acima refletimos e mostram-nos que, à exceção do correio electrónico, os catequistas estão mais à vontade em trabalhos *offline* de tratamento de texto e imagem, que é o que habitualmente se utiliza na catequese, do que em realizar tarefas ligadas à Internet. Se à pergunta sobre a competência que consideram ter para navegar na Internet se obtém uma média de 3.99, já quando interrogados sobre a capacidade que consideram ter para manter um blogue ou um página de Internet cai para 2.59 e 2.48 respetivamente (Cf. **Quadro 18**).

Ampliando a complexidade da nossa análise, vejamos qual é a utilização que os catequistas fazem da Internet e dos seus recursos na hora de preparar uma sessão de catequese. A atividade que tem uma melhor média é o *procurar imagens para a catequese*, com 3.84 (Moda=4; sd .93), seguido da *ida a sítios onde sabe que há material*, com uma média de 3.83 (Moda=4, sd 1.01) (cf. **Quadro 19**).

	Vou a sítios online especializado s onde sei que há material	Procuo imagens	Procuo canções e outros sons	Procuo vídeos	Procuo apresentaç ões (PowerPoi nts, ...)	Vou à página de catequese da minha diocese	Vou à página de catequese nacional
Mean	3.83	3.98	3.58	3.53	3.40	3.23	3.10
Mode	4	4	4	4	4	3	4
Std. Deviation	1.008	.927	1.119	1.118	1.229	1.306	1.279

Quadro 19 - Recursos da Web para a catequese

4.2. Fatores que influenciam o recurso à Internet

Vamos partir, neste ponto da nossa reflexão da Q16 do nosso questionário, onde se inquire expressamente sobre *o recurso à Internet aquando da preparação do encontro de catequese*.

Começamos por fazer a análise exploratória dos dados, que revelou a não existência de normalidade e homogeneidade na distribuição, pelo que este estudo utilizará testes não paramétricos na análise dos dados recolhidos. Aliás, esta é uma característica comum a todas as variáveis. Fizemos, depois, a análise psicométrica à

Q16 que revelou boa consistência interna (alfa de Cronbach = .849) (Cf. **Quadro 20**).

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
16.1. Vou a sítios online especializados onde sei que há material	.822
16.2. Procuro imagens	.821
16.3. Procuro canções e outros sons	.823
16.4. Procuro vídeos	.822
16.5. Procuro apresentações (PowerPoints, ...)	.820
16.6. Vou à página de catequese da minha diocese	.848
16.7. Vou à página de catequese nacional (www.educris.com)	.840

Quadro 20 - Teste alfa à Q16

De seguida, fomos verificar se o recurso à Web estaria relacionado com a capacidade que os catequistas consideram ter para *encontrar, utilizar e adaptar* o que encontram na Web, bem como *participar em discussões* (Q17). O teste psicométrico revelou ainda uma consistência interna aceitável (alfa de Cronbach = .775), mas o valor seria de .826 se se excluísse a variável «*Participar numa discussão na Internet, sobre questões de catequese*», o que denota menor compreensão desta variável por parte dos inquiridos, possivelmente por estar muito afastado da sua prática e expectativas (Cf. **Quadro 21**).

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
17.1. Encontrar materiais adequados para a sua formação como catequista	.691
17.2. Avaliar a qualidade de um recurso de autoformação, que me ajude a evoluir como catequista	.695
17.3. Adaptar um material que encontrou na Internet	.689
17.4. Participar numa discussão na Internet, sobre questões de catequese	.826

Quadro 21 - Testa alfa à Q17

Para ver se estas duas questões estão correlacionadas, calculamos a média de cada uma e com os dados obtidos, fizemos o teste de *Pearson*, onde se percebeu que a associação era significativa ($p < .05$), mas de valor baixo ($r = .375$).

Com base nestes resultados, conclui-se que a literacia digital dos inquiridos não influencia muito significativamente o recurso à Web no que respeita à missão de catequizar.

No entanto, quisemos ainda saber quais os factores que mais explicam o recurso à Web, pelos catequistas, aquando da preparação da sua atividade. Verificamos as questões que tinham correlação significativa e elaboramos testes de regressão linear até isolar as variáveis que fossem significativamente predictoras.

Verificamos que para a Q16, são predictoras em 52.50% as seguintes questões: Q1, Q12.2, Q 12.3; Q12.11; Q13.16; Q14.4; Q15.4; Q26.3; Q26.5; Q26.6; Q26.9; Q27.4; Q27.6. Este facto permite-nos perceber que o recurso à Web para preparar o encontro de catequese é influenciado, mas muito pouco, pela *idade* ($r=.098$). Também a competência que os catequistas consideram ter para *utilizar um processador de texto* ($r=.137$), *elaborar um apresentação* ($r=.197$) e *descarregar ficheiros da internet* ($r=.130$) influencia pouco. Os factores que mais influenciam, dentro deste modelo, é a frequência em utilizar a internet para *obter informações sobre a diocese* ($r=.482$), a frequência com que se *descobrem coisas interessantes para a catequese* ($r=.472$) e o facto de se usar a internet para *preparar encontros de formação* ($r=.425$), seguido da frequência em *partilhar materiais próprios* ($r=.295$) e do facto de quando se quer saber coisas novas se *ir a sítios de qualidade já conhecidos* ($r=.257$). De registar que o uso do *sentido crítico* tem um valor de $r=.223$.

Estes resultados levam-nos a concluir que, em ordem à potenciação da Web para o exercício da catequese, os responsáveis institucionais devem ser convidados a investir na disponibilização de materiais, não só para a realização dos encontros de catequese ($r=.519$), mas também para a preparação de encontros de formação, bem como a promoverem aos utilizadores que utilizem o sentido crítico na utilização daquilo que se encontra na Internet, o que deverá ser uma parte integrante da formação estruturante dos catequistas. De registar que a *divulgação/publicitação de sítios e materiais de qualidade* também deverá ter uma influência positiva no aumento do recurso à Web.

4.3. Fatores potenciadores da utilização da Web 2.0

Começamos por tratar a Q25, onde se procura saber da importância que os catequistas consideram ter a utilização dos recursos da WEB 2.0 para o exercício do seu ministério. A análise psicométrica revelou boa consistência interna (alfa de Cronbach = .904) (Cf. Quadro 22).

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
25.1. Interagir com os catequizandos nas redes sociais	.885
25.2. Interagir com os pais dos catequizandos nas redes sociais	.886
25.3. Publicar numa página de Internet materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	.881
25.4. Publicar num blogue materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	.885
25.5. Replicar numa rede social materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	.881
25.6. Estar atento ao que há na Internet, que possa ajudar a ser melhor catequista	.908
25.7. Ter disponibilidade para frequentar formação para catequistas através da Internet	.906
25.8. Ter uma presença sua na Internet (blogue, Facebook,...), como parte integrante do seu anúncio do Evangelho	.900

Quadro 22 - Teste alfa à Q25

Se a compreensão das questões tem um valor elevado, já a consciência da importância da Web 2.0 para a catequese tem um valor bem mais modesto ($M= 3.46$) (Cf. **Quadro 23**). Das várias variáveis, a que obtém um valor maior, e um desvio padrão mais restrito, é a que versa sobre o *estar atento ao que há na internet que possa ajudar a ser melhor catequista* (Q 25.6) ($M= 4.21$, $sd= .85$). Daqui se infere que há uma sensibilização para se usar a Internet, mas que precisa de ser potenciada, uma vez que se nota uma postura de mero consumidor de conteúdos e não tanto uma de produção, partilhar e conexão com a comunidade.

	Mean	Std. Deviation
25.1. Interagir com os catequizandos nas redes sociais	3.45	1.226
25.2. Interagir com os pais dos catequizandos nas redes sociais	3.28	1.262
25.3. Publicar numa página de Internet materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	3.38	1.289
25.4. Publicar num blogue materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	3.14	1.323
25.5. Replicar numa rede social materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos	3.08	1.323
25.6. Estar atento ao que há na Internet, que possa ajudar a ser melhor catequista	4.21	.852
25.7. Ter disponibilidade para frequentar formação para catequistas através da Internet	3.76	1.109
25.8. Ter uma presença sua na Internet (blogue, Facebook,...), como parte integrante do seu anúncio do Evangelho	3.42	1.197
Média da Q25	3.4639	.93364

Quadro 23 - Importância da Web 2.0 para a catequese

Repare-se que *além de considerar que é importante estar atento ao que há na internet*, os catequistas respondem que encontram com frequência coisas interessantes na internet para a sua formação e para utilizarem na catequese ($M=3.59$, $sd= 1.05$). Já a *partilha de materiais* seus, essa, é tem uma frequência quase insignificante ($M=1.67$, $sd= 1.02$) (Cf. **Quadro 24**).

	Mean	Std. Deviation
27.1. Já conheceu alguém na Internet porque partilhavam interesses comuns sobre catequese	1.79	1.158
27.2. Costuma seguir algum(ns) blogues, página(s) ou redes sociais para estar atualizado sobre catequese	2.70	1.303
27.3. Participa em debates/discussões na Internet sobre catequese	1.48	.841
27.4. Partilha na Internet recursos didáticos elaborados por si, para que outros catequistas possam usar	1.67	1.027
27.5. Usa a Internet para estar em contacto com os catequistas da sua paróquia	2.98	1.444
27.6. Descobre coisas interessantes na Internet para a catequese	3.96	1.001
27.7. Descobre coisas interessantes na Internet para a sua formação cristã	3.64	1.047
27.8. Descobre coisas interessantes na Internet para a sua formação como catequistas	3.59	1.053

Quadro 24 – Frequência de utilização da Web na catequese

Assim, os resultados obtidos apontam para concluir que os catequistas tendem a ter uma presença invisível na Web: estão lá, usufruem do que existe, mas não interagem nem partilham. À luz deste resultados, vamos ver como se poderá potenciar esta prática, para ir de encontro ao que a Igreja postula, e que já refletimos no primeiro capítulo. Para isso, procuramos verificar quais as variáveis predictoras para a Q27, para perceber o que faz com que os catequistas não só *considerem importante* o uso da Web 2.0, mas que *auente o uso* dos recursos da Web 2.0. Procuramos as variáveis com correlação significativa ($p < .05$), para depois fazer os testes de regressão linear, depois de termos verificado que o *Alfa de Chronbach* das variáveis da questão Q27 têm um valor de .817, o que é significativo.

Verificamos, então, que são variáveis predictoras da Q27, em 53%, as questões: Q7; Q13.16; Q 15.6; Q16.6; Q26.4; Q26.7. De entre ela, a que tem mais importância é a Q26.7, referente à *frequência de utilização dos recursos da Internet para melhorar o desempenho como catequista* ($r = .621$), seguido da Q26.4 ($r = .499$), relativa à *frequência com que se usa a Internet para preparar a oração para o grupo*. Registe-se ainda que há uma correlação estatisticamente significativa entre a Q27 e a Q7, relativo à *realização de formação específica em catequese*. Este dado abre espaço para que os serviços diocesanos de catequese possam intervir de modo assertivo na sensibilização para o uso da Web e na promoção duma literacia digital, mas também na disponibilização de recursos na página diocesana, uma vez que a Q16.6 diz referência à *frequência com que se vai à página da catequese da minha diocese*.

4.4. Identidade digital dos catequistas

Como vimos anteriormente, a identidade digital é um conceito poliédrico, que deriva das práticas que cada indivíduo vai realizando em contexto online (Costa & Torres, 2011). Tal como a personalidade, também a identidade digital se vai construindo na interação com os ambientes em que se insere e nos quais convive.

No nosso caso de estudo, verifica-se que os catequistas têm um acesso ao mundo digital interessante, com 86.2% ao afirmarem que acede à Web diariamente (Cf. **Quadro 25**). E o tempo de permanência é 18.2% para os que respondem que

estão sempre ligados à Web e 23% para os que estão ligados entre duas a três horas (Cf. **Quadro 4**).

		Percent
	Duas ou três vezes por semana	10.1
	Diariamente	86.2
	Duas ou três vezes por mês	.9
	Raramente	.2
	Uma vez por mês	.2
	Uma vez por semana	2.4

Quadro 25 - Frequência de acesso à Internet

Mas esta *presença digital* tende a ser invisível, já que a sua interação com outros indivíduos e partilha de recursos tende a ser escassa (Cf. **Quadro 5**), no geral, e no que diz respeito ao exercício da catequese também (Cf. **Quadro 24**). Pese embora que há alguma consciência de que isso seria importante (Cf. **Quadro 23**), não só a partilha de recursos (M=3.38, sd=1.28), com também interagir com a comunidade através das redes sociais (M=3.45, sd= 1.22). Acresce ainda que começa a haver a consciência de que os recursos da Web 2.0 são importantes para a missão de catequisar (M=3.42, sd=1.19).

Mas quais serão os constrangimentos que impedem a existência de uma melhor reputação da identidade digital dos catequistas? Será a falta de literacia digital, imprescindível para a construção da identidade digital (Aresta, Santos, Moreira, 2013)? Os resultados obtidos evidenciam que a percepção que os catequistas têm da sua literacia digital é boa (Cf. **Quadro 7**) tal como das suas competências em TIC (competências digitais) (Cf. **Quadro 18**), com uma clara diminuição para as variáveis relacionadas com a *partilha e discussão*, mas mesmo assim acima todas com valores positivos (>2.5), excepto a capacidade para *manter um página de Internet* (2.48). Estes dados, acrescido da escolaridade da amostra que como vimos anteriormente, é elevada (Cf. **Quadro 1**), leva-nos a pensar que a explicação terá de estar noutra lugar. Pensamos que esta "presença digital invisível", mais leitores que escritores, terá mais a ver não só com a autoridade que os catequistas julgam ter para alterar os textos e dar uma interpretação mais pessoal às verdades da fé (Campbell, 2010) como também com a percepção da Web ainda conotada com a Web 1.0 e com uma identidade digital (representação do eu digital) de *visitante* e não de *residente*, no sentido dado por White (2008).

Por isso, a cultura digital, que surge e se desenvolve pela partilha do conhecimentos através das ferramentas digitais, não está a ter nos catequistas os agentes ativos que seria de esperar, pois não têm como prática o interagir com os outros cibernautas, estão como que invisíveis, o que acaba, também isto, por ser um contrassenso com aquilo que é a postura oficial da Igreja, quando apela aos cristãos para serem parceiros do mundo, em todas as circunstâncias, inclusive no mundo digital, nestes novos areópagos. Mas, quando "vão à internet", o que fazem é sobretudo consultar o correio electrónico e fazer pesquisa na Web. A sua prática caracteriza-se essencialmente, por serem “consumidores” de conhecimento e não tanto produtores ou divulgadores.

Quando se olha para o exercício da catequese, verifica-se que a Web acaba por ter um papel, quase só, de repositório onde ir buscar recursos para aplicar na sala com os catequizandos, uma vez que a utilização das redes sociais para manter a ligação com os catequizandos e os encarregados de educação não acontece, nem consideram que seria muito importante. O que acaba por ser uma contradição com aquilo que a Igreja afirma que deve ser a prática dos cristãos na Internet. Esta ideia foi muito vincada na Mensagem do papa Francisco, ao afirmar que a Web deve ser utilizada para potenciar uma autêntica cultura do encontro e da amizade.

Não admira, pois, que os sítios mais referenciados sejam sítios que se caracterizam pelo facto de serem repositórios onde se disponibilizam materiais para usar na prática catequética, e já prontos a usar. O que acaba por ser empobrecedor até para o exercício da catequese como educação da fé, uma vez que a Igreja que se diz como comunhão e partilha não tem nos seus agentes essa prática como habitual.

5. Considerações Finais

Neste capítulo começaremos por realizar uma síntese das principais conclusões a que chegamos para, depois, refletirmos sobre as potencialidades e os limites deste estudo. De seguida refletiremos sobre possíveis investigações futuras.

Da reflexão daquilo que é a posição oficial da Igreja sobre a Internet, a primeira ideia a destacar é o claro benefício que a Web tem para a missão da Igreja, e de uma forma mais centrada ainda na formação dos cristãos. Mas, para isso, pressupõe-se uma compreensão mais profunda desta nova etapa cultural em que vivemos, a denominada sociedade em rede. Aqui, para os cristãos, a comunhão e a sua expressão na autêntica cultura do encontro é, seguramente, um dos maiores destaques. O que o mundo digital evidencia, antes de mais, é a natureza comunicativa do ser humano, pois só ele é capaz de assumir e negociar relações complexas e ambientes sociais (Albrecht, 2006). Mas a história da Web mostra-nos um detalhe interessante: comunicar é interagir. A vontade de comunicar faz com que o indivíduo não se limite em ser um receptor (Web 1.0), antes deseja interagir (Web 2.0), pelo que a capacidade de interação tornou-se a característica-chave das novas tecnologias. Dos *mass media*, passamos para os *cross media*.

Este fenómeno leva a uma nova compreensão das categorias de *tempo* e *espaço*, bem como a assunção de novas linguagens e de novos significados, um novo universo semântico. Muitas das palavras do mundo digital resultam de processos de resignificação linguística (e.g. amizade), e inclusive algumas com ressonâncias na gramática religiosa, como seja o caso de “salvar”, “justificar” ou ainda “converter” (Spadaro, 2012b). A comunicação é um bem de primeira necessidade para o Cristianismo, pois sem comunicação a Igreja não realiza a sua missão.

A formação que a Web possibilita tem, então, de ser vista a partir do problema das linguagens e do modo como cada pessoa participa e está presente nas redes mediáticas, sobretudo a partir da categoria de *amizade*, muito falada neste contexto, que deverá ser vista como expressão e testemunho cristão, quer dos participantes, quer das comunidades, num permanente exercício de abertura de portas, sobretudo às periferias existenciais.

Ao longo deste estudo, pudemos perceber que os catequistas têm a percepção de que possuem uma boa literacia digital, quer no que diz respeito à aquisição de novos conhecimentos, quer no que diz respeito aos conhecimentos necessários para

manusear as novas tecnologias. Contudo, nota-se que esta possibilidade não está a ser posta em prática, muito ao contrário daquilo que é o apelo reiterado dos documentos oficiais da Igreja. Este dado poderá estar relacionado com o facto de os catequistas não se considerarem com autoridade para produzir conhecimento em matérias de fé. Limitam-se a ser consumidores de recursos e até replicadores, mas não produtores. Esta missão está a cargo de apenas alguns que veem os seus trabalhos compilados em alguns sítios de referência, a que os catequistas acedem maioritariamente.

Os recursos mais procurados pelos catequistas são aqueles que vão ser usados no encontro de catequese. O uso da Web, neste contexto, é mais ao estilo da Web 1.0: estática e onde estão recursos disponíveis para serem descarregados e usados, de um para muitos (Costa & Torres, 2011) e não tanto aqueles descritos por exemplo por Wheller (2010), como promotores duma literacia digital.

Se a este dado acrescentarmos que a identidade digital dos catequistas é, na sua maioria, tendencialmente invisível, nomeadamente a sua presença digital, concluímos que, embora considerem importante e a Igreja apele a isso, a cultura digital não conta com a colaboração dos catequistas para se desenvolver.

Urge inverter esta tendência, potenciar não só a Web 2.0 mas, a través dela, o exercício da catequese de acordo com o paradigma informacional, que é aquele em que vivemos. Não estaremos só a possibilitar o acesso aos recursos, mas também a potenciar a avaliação e interpretação crítica dos mesmos, com o conseqüente incremento da literacia digital que implica a capacidade não só de aceder, mas também de compreender e avaliar os conteúdos disponíveis, bem como a capacidade de partilhar conteúdos novos.

Na medida em que a aprendizagem contar com a Web senão como espaço principal, pelo menos como espaço complementar, também o exercício da catequese, e a conseqüente relação com os catequizandos e seus encarregados de educação, terá na Web um lugar de contacto. A literacia digital dos catequistas terá, então, uma reputação apreciada pela comunidade, e isto é tanto mais premente quanto tomarmos consciência da continuidade que existe entre o espaço virtual e o analógico (Giaccardi, 2011).

A literacia digital será, então, o catalisador positivo para dar corpo àquilo que são os desafios apresentados por João Paulo II, em 2002, *«a vida cristã exige a instrução e a catequese permanentes e este é, talvez, o campo em que a Internet pode oferecer uma ajuda excelente»*. Esta ajuda, e de acordo com o mesmo autor, não será possível sem uma cultura do diálogo, participação e solidariedade.

Ao termos verificado que há uma consciência nos catequistas, pelo menos implícita, de que os recursos da Web são importantes para a sua formação e para o exercício do seu ministério, cabe, a nosso ver, ao serviço diocesano, como entidade responsável, potenciar o recurso à Web. E aqui podemos concluir que há duas vias complementares por onde seguir: por um lado, inserir nos objetivos na formação sistemática dos catequistas a dotação de competências e recursos para lidar com esta realidade, já que há um grande número de inquiridos que fez formação específica sobre catequese e, em simultâneo, uma vontade de estar atento àquilo que na Web possa existir para a formação como catequista. Além do mais, no dizer do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, a *«a formação sobre a Internet e as novas tecnologias exige muito mais do que o ensino das técnicas»* (2002b). Aqui, estamos em crer, seria necessário a sensibilização e a capacitação para que os catequistas fossem construindo o seu ambiente pessoal de aprendizagem (PLE) (Mota, 2009; Castañeda & Adell, 2013). Por outro lado, é importante que o sítio diocesano de catequese, muito frequentado pelos catequistas, tenha recursos disponíveis e um design facilitador da partilha e da interação. É bom que tenha recursos, mas que estes possam ser melhorados pelos catequistas e, a propósito deles, se possam realizar debates.

Chegados ao fim deste trabalho, tomamos ainda mais consciência de quão incautos fomos em nos introduzirmos num trabalho onde a literatura sobre o tema é tão escasso. O facto de não haver nenhum estudo similar ao nosso foi o que mais nos entusiasmou a empreende-lo, por sentirmos a sua necessidade, mas também o que mais nos dificultou, pois ser pioneiros tem os seus custos.

Acresce ainda o facto de o questionário ser de administração direta, onde o respondente está sozinho, sem a possibilidade de esclarecer alguma dúvida que por ventura surja numa ou noutra questão. A este dado, já por si fértil em enviesamentos, acresce o papel que o investigador desempenha na pastoral catequética, que, estamos

em crer, poderá ter originado alguns desvios nas respostas, em ordem àquilo que o respondente considera que seria expectável pelo investigador.

Outro dos limites da nossa investigação tem a ver com a metodologia que utilizamos, a quantitativa. Esta permite-nos conhecer os fenómenos e ver a relação que as variáveis podem ter entre si, mas não permite conhecer o significado que essas práticas têm para os atores sociais. Se acrescentarmos este dado ao facto de este campo de investigação estar ainda por explorar vem muito a propósito um estudo de pendor qualitativo, que possibilite a compreensão, não tanto em extensão, mas em profundidade do fenómeno.

Aliás, é este o principal desafio de investigação que se nos vislumbra: procurar perceber quais os significados que os catequistas atribuem a esta prática, relacionando o recurso que fazem à Web na catequese e nas outras dimensões da sua vida, profissional e social.

Este objectivo ficará ainda melhor complementado com uma pesquisa etnográfica (Barats, 2013) dos sítios diocesanos e os de maior difusão. Este desejo apoia-se no facto de a etnografia ser uma pesquisa empírica que implica a imersão do investigador num determinado campo para, aí, estudar de forma apurada as instituições, as comunidades e os comportamentos pessoais e grupais.

Referências Bibliográficas

- Aguiar, A. (2014). *Um padre na aldeia global: Evangelização e o desafio das novas tecnologias*. Lisboa: Paulinas.
- Aires-Barros, L. (1986). A ciência, a técnica e a condição do homem na Europa de hoje. *Didaskalia*. 16, 365-388.
- Albrecht, K. (2006). *Inteligência Social: A Nova Ciência do Sucesso*. São Paulo: M.Books.
- Alves, M. (1988). Vida Nova em Comunhão. *Communio*. 5, 34-44.
- Anderson, T., & Kanuka, H. (2003). *e-Research: Methods, Strategies and Issues*. Boston: Allyn and Bacon.
- Aresta, M., Pedro, L., Santos, C. & Moreira, A. (2013). A construção da presença em ambientes digitais: oportunidade e desafio para alunos e instituições. Paper apresentado na VIII Conferência Internacional de TIC na Educação: Challenges 2013. Universidade do Minho. Braga, em https://www.academia.edu/4055561/A_construcao_da_presenca_em_ambientes_digitais_-_oportunidade_e_desafio_para_alunos_e_instituicoes.
- Bawden, D. (2008). Origins and Concepts of Digital Literacy. In C. Lankshear & M. Knobel (Eds.), *Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices* (pp. 17–32). New York, NY, USA: Peter Lang.
<http://sites.google.com/site/colinlankshear/DigitalLiteracies.pdf#page=19>.
- Barats, Ch. (Dir.) (2013). *Manuel d'analyse du web en Sciences Humaines et Sociales*. Paris: Armand Colin.
- Batista Pereira, M. (1995). Linguagem e fé num mundo secularizado, in AA.VV., *Fé e Cultura para o ano 2000*. *Communio*.
- Bento XVI (2006). XL Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2006 - A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação. *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 28 de Janeiro. 40.
- Bento XVI (2007). XLI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2007 - As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para a educação. *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 27 de Janeiro. 6.
- Bento XVI (2008). XLII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2008 - Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la. *L'Osservatore Romano*, ed. em português. 26 de Janeiro. 9.
- Bento XVI (2009). XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009 - Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 31 de Janeiro. 5.

- Bento XVI (2010). XLIV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2010 - O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra. L'Osservatore Romano, ed. em português. 30 de Janeiro. 7.
- Bento XVI (2011). XLV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2011 - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. L'Osservatore Romano, ed. em português, 29 de Janeiro. 5 e 11.
- Berry, D. M. (2004). Internet research: privacy, ethics and alienation: an open source approach. *Internet Research*, 14(4), 323–332.
- Bocci, V. (2012). *Comunicare la fede ai ragazzi 2.0. Una proposta di catechesi comunic-attiva*. Leuman: Elledici.
- Boff, L. (1987). *A Trindade e a Sociedade*. Petrópolis: Vozes.
- Borras, A. (1993). Appartenance à l'Église ou itinérance ecclésiale?. *Lumen Vitae*. 47: 2, 161-173.
- Briggs, A & Burke, P. (2011). *Storia sociale dei media. Da Gutenberg a Internet*. Bologna: Mulino.
- Buber, M. (1987). *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva.
- Boyd, d. (2008). *Taken Out of Context: American Teen Sociality in Networked Publics*, Doctoral Dissertation, University of California, Berkeley <http://www.danah.org/papers/TakenOutOfContext.pdf>
- Camacho, L. (1996). *Memórias de um Tempo Futuro. Realidade Virtual e educação*. Lisboa: Hugin.
- Campbell, H. (2013). *Digital Religion. Understanding religious practice in new media worlds*. New York: Routledgs.
- Campbell, H. (2010). *When Religion Meets New Media*, New York: Routledge.
- Campbell, H. (2005). *Exploring Religious Community Online. We are One in the Network*. New York: Peter Lang.
- Caraça, J. (1997). *Ciência*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Carvalho Rodrigues, F. (1995) Um novo método de contar a verdade, precisa-se. *Informação e Informática*. 8: 13.
- Carvalho, A.A. (Org.) (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*, s/l:Ministério da Educação.
- Castañeda, L. & Adell, J. (Eds.). (2013). *Entornos Personales de Aprendizaje: claves para el ecosistema educativo en red*. Alcoy: Marfil.
- Castells, M. (2005). *A Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Castells, M. (2007). *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Charentenay, P. (2011). *Le Dilemme du chartreux. Médias et Église*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Comisión Episcopal de Enseñanza y Catequesis (1983) *La Catequesis de la Comunidad*. Madrid: Edice.
- Comissão das Comunidades Europeias (2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*, Bruxelas 30/10/2000, em [\[http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/doc/policy/memo_pt.pdf\]](http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/doc/policy/memo_pt.pdf), acedido a 12/08/2013.
- Comissão das Comunidades Europeias (2007). *Uma abordagem europeia da literacia mediática no ambiente digital*, Bruxelas 20/12/2007, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0833:FIN:PT:PDF>, acedido a 12/08/2013.
- Concílio ecuménico Vaticano II (1964). Decreto *Inter mirifica*. AAS 56, 145-157.
- Concílio ecuménico Vaticano II (1965). Constituição dogmática *Lumen gentium*. AAS 57, 5-71.
- Concílio ecuménico Vaticano II (1966). Constituição dogmática *Dei Verbum*. AAS 58. 817-836.
- Concílio ecuménico Vaticano II (1966). Constituição *Gaudium et Spes*. AAS 58, 1025-1120.
- Conferência Episcopal Portuguesa (2006). Carta Pastoral «Na era da comunicação social». In *Documentos Pastorais, VI volume*, Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 11-31.
- Conferenza Episcopale Italiana (2010). *Chiesa in rete 2.0. Atti del Convegno Nazionale*, Milano: San Paolo.
- Congregação para o Clero (1997). *Diretório Geral da Catequese*, em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html.
- Correia, A. A. P. (2009). *Literacia digital e aprendizagem informal em modelo de web participativa*. Dissertação de Mestrado em Estudo de Informação e Bibliotecas Digitais, Departamento de Ciências e Tecnologias da Informação do Instituto Universitário de Lisboa.
- Costa, C. & Torres, R. (2011). To be or not to be, the importance of Digital Identity in the networked society. *Educação, Formação & tecnologias*, nº extra, Abril de 2011, 47-53, em <http://eft.educom.pt>.
- Costa Santos, M. (1995-1996). Igreja: Do Mistério à Comunhão. *Cenáculo*. 35: 136, 143-162.

- Costa, G. & Costa, R. (2010). *Gesù comunicatore perfetto*. Cantalupa: Affatà.
- Cotin, J. & Bazin, J-N. (2003). *Vers un christianisme virtuel? Enjeux et défis d'Internet*. Genebra: Labor et Fides.
- Cobo Romani, C.; Pardo Kuklinski, H. (2007). *Planeta Web 2.0. Inteligencia colectiva o medios fast food*. Grup de Recerca d'Interaccions Digitals, Universitat de Vic. Flasco México. Barcelona / México DF.
- Coutinho, C. P. (2005). Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000). Braga: Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6497/1/Clara%20Coutinho%20AFIRSE%202006.pdf>, acedido a 23/04/2014.
- Creswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto, 3ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, S. (2008). Blogs e Youtube, Carvalho, A.A. (Org.) (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*, pp. 15-40, s/l:Ministério da Educação.
- Díez, F. M. (1994). *Teología de la Comunicación*. Madrid: B.A.C.
- Esposito, A. (2012). Research ethics in emerging forms of online learning: issues arising from a hypothetical study on a MOOC. *The Electronic Journal of e-Learning*, 10(3), 315–325
- European Centre for the Development of Vocational Training (2008). *Terminology of European education and training policy. A selection of 100 key terms*, Luxembourg 2008, em http://www.cedefop.europa.eu/etv/Upload/Information_resources/Bookshop/369/4064_en.pdf, acedido a 12/08/2013.
- Eysenbach, G., & Till, J. E. (2001). Ethical issues in qualitative research on internet communities. *BMJ*, 323(7321), 1103–1105.
- Fernández, J. R. (2013). *Evangelizar en el planeta digital. Cómo hacer significativa nuestra presencia en Internet*. Madrid: PPC.
- Forte, B. (1987). *A Trindade como História*, 2ª edição. São Paulo: Paulinas.
- Francisco (2014). XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais. «Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro», em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html, acedido a 01/03/2014.

- Fromm, E. (1969). *A revolução da esperança. Por uma tecnologia humanizada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- García, G. L. (Ed.) (2005). *El ecosistema digital: modelos de comunicación, nuevos medios y público en internet*. Valencia: Servei de Publicacions de la Univesidad Valencia.
- Giaccardi, C. (2011). Relazioni comunicative e affettive dei giovani nello scenario digitale, em <http://www.chiesadimilano.it/cms/speciali-archivio/in-evidenza/giovani-promotori-di-socialit%C3%A0-1.44253>, acedido a acedido a 10-09-2012.
- Giordano, C.; Souza, M. & Asorey, V. (Eds) (2011). *Cuestiones de la sociedad de la información, sociedade de la comunicación e sociedade del conocimineto. Viegas y nuevas tecnologías*. Buenos Aires: Periodismo y Comunicación.
- González Faus, J. I. (1984). *La Humanidade Nueva. Ensayo de Cristologia*. Santander: Sal Terrae.
- Grienti, V. (2009). *Chiesa e Web 2.0. Pericoli e opportunità in rete*. Cantalupa: Effatà.
- Grienti, V. (2010). *Chiesa e Internet. Messaggio evangelico e cultura digitale*. Milano: Academia Universa Press.
- Guillebaud, J.-C. (2011). *Le deuxième déluge. Face aus médias*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Henrici, P. (1980). *Homem e natureza na era tecnológica*. Estudos Leopoldenses. 57, 15-36.
- Hilberath, B. J. (1995). La Iglesia como “Communio”: fórmula mágica o programa de acción?. *Selecciones de Teologia*. 34.
- Himanen, P. (2002). *La ética del hacker y el espíritu de la era de la información*. Barcelona: Destino.
- João Paulo II (1979). *Catechesi Tradendae*. AAS 71, 1277-1340.
- João Paulo II (1979). *Redemptor Hominis*. AAS, 71, 257-324.
- João Paulo II (1985). XIX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1985 - «As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude». *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 05 de Maio, 209-211.
- João Paulo II (1989). *Christifideles Laici*. AAS 81, 393-521.
- João Paulo II (1989). XXIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1989 - «A religião nos mass media», *L'Osservatore Romano*, ed. em português, 29 de Janeiro, 49.

- João Paulo II (1990). XXIV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1990 - «A mensagem cristã na cultura informática actual». L'Osservatore Romano, ed. em português, 11 de Março, 113.
- João Paulo II (1991). Redemptoris Missio. AAS, 83, 249-340.
- João Paulo II (1991). XXV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1991 - «Os meios de comunicação para a unidade e o progresso da família humana». L'Osservatore Romano, ed. em português, 03 de Fevereiro, 61.
- João Paulo II (1993). Veritatis Splendor». AAS, 75, 1133-1228.
- João Paulo II (1992). XXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1992 - «A proclamação da mensagem de Cristo nos meios de comunicação». L'Osservatore Romano, ed. em português, 02 de Fevereiro, 53.
- João Paulo II (2000). XXXIV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2000 - «Proclamar Cristo nos meios de comunicação social no alvorecer do Novo Milénio». L'Osservatore Romano», ed. em português, 29 de Janeiro, 47.
- João Paulo II (2001). *Novo Millennio Ineunte*. Braga: AO.
- João Paulo II (2001). XXXV Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2001 - «Anunciai-o do cimo dos telhados: o Evangelho na era da comunicação global». L'Osservatore Romano, ed. em português, 27 de Janeiro, 6.
- João Paulo II (2002). XXXVI Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2002 - «Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho». L'Osservatore Romano, ed. em português, 26 de Janeiro, 43.
- João Paulo II (2003a). XXXVII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2003 - « Os meios de comunicação social ao serviço da paz autêntica, à luz da “Pacem in terris”». L'Osservatore Romano, ed. em português, 01 de Fevereiro, 51.
- João Paulo II (2003b). Ecclesia in Europa. AAS, 95 649-719.
- João Paulo II (2004). XXXVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2004 - «Os mass media na família: um risco e uma riqueza». L'Osservatore Romano, ed. em português, 31 de Janeiro, 51.
- João Paulo II (2005). XXXIX Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2005 - «Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos». L'Osservatore Romano, ed. em português, 29 de Janeiro, 43.
- Kalleberg, R. (Leader). (2010). Research ethics guidelines for internet research. Retrieved from <http://www.etikkom.no/In-English/Publications/Internet-research-/>
- Kasper, W. (1986). A Igreja como Communio: Considerações sobre a ideia eclesiológica central do Concílio Vaticano II. *Communio*, 3, 356-371.

- Kasper, W. (1994). *El Dios de Jesucristo*, 4ª edição. Salamanca: Sígueme.
- Lankshear, C. & Knobel. M. (eds). (2008). *Digital literacies, politics and practices*. New York: Peter Lang.
- Lévy, P. (199). *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob.
- Lévy, P. (1994). *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era Informática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (1997). *A Inteligência Colectiva. Para uma antropologia do ciberespaço*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (1998). *Qué es lo virtual?*. Barcelona: Paidós.
- Lopes, C. & Pinto, M. (2012). Autoavaliação das competências de informação em estudantes universitários: validação portuguesa do IL-HUMASS (Parte II). In *11º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas "Integração, Acesso e Valor Social"*, 18-20 outubro 2012.
- Lopes, P. C. (2011). Literacia Mediática e Cidadania. Perfis de estudantes universitários da Grande Lisboa: Enquadramento teórico-conceitual, questões metodológicas e operacionais. In S. PEREIRA (Org.). *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"*, 25-26 Março 2011, Universidade do Minho, Braga 2011, 449-462
- Lopes, P. C. (2012). , «Avaliação de competências de literacia mediática: O que medir, como medir e com que instrumentos?» [em linha], in *VII Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Porto, 19-22 de Junho de 2012, em <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/181/177>, acedido a 23/12/2013.
- Lopes, P. C. (2012). Literacia mediática: Novas competências para infoadictos. In *VII Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Porto, 19-22 de Junho de 2012, em [\http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0119_ed.pdf, acedio a 07/03/2013.
- Lorenzi, U., et all. (2012). *Iniziazione cristiana per i nativi digitali. Orientamenti socio-pedagogici e catechistici*. Milano: Paoline.
- Lynch, J. (2011). *Il profumo dei limoni. Tecnologia e rapporti umani nell'era di facebook*. Torino: Lindau.
- Maillard, J. (2011). *Dieu et Internet: 40 questions pour mettre la feu au web*. Nouan-Le-Fuzelier: Éditions des Béatitudes.
- Manna, E. (2013). *Anima e byte. Media, valori e nuove generazioni*. Milano: Paoline.

- McLoughlin, C. (2011). What ICT-related skills and capabilities should be considered central to the definition of digital literacy? In T. Bastiaens & M. Ebner (Eds.), *World Conference on Educational Multimedia, Hypermedia and Telecommunications (EdMedia 2011)* (Vol. 2011, pp. 471–475). EdITLib, the Digital Library for Education & Information Technology. <http://www.editlib.org/p/37908>
- Marchessault, G. (2007). *La foi chrétienne et le divertissement médiatique. Essai de théologie pratique*. Québec: Les Presses de l'Université Laval.
- Marfín Velasco, J. (1993), *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: Paulinas, 1993.
- Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4, 61-90.
- Martin, A. (2008). Digital Literacy and the “Digital Society. In C. Lankshear & M. Knobel (Eds.), *Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices*. New York, NY, USA: Peter Lang. <http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=doVQq67wWSwC&pgis=1>
- Martins, N. (2000). *Cristo, o comunicador perfeito: delineamento de uma teologia da comunicação à luz da instrução pastoral «Communio et Progressio»*. Lisboa: Didaskalia.
- Mayer, J.-F. (2008). *Internet et Religion*. Paris: Infolio.
- Miguel Poyard, M. D. (2001). *Con el Señor en la cibercultura: Retos y esperanzas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Moratalla, A. (1992). El descubrimiento del Reino em la “galaxia Xerox”. *Señales de esperanza en el panorama intelectual español. Sal Terrae*. 80: 945, 267-282.
- Mota, J. (2009). *Da Web 2.0 ao e-learning 2.0: aprender na rede*. Dissertação de Mestrado em Pedagogia do ELearning, Universidade Aberta, *Prémio Rocha-Trindade*, <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1381>.
- Mota, J. (2009). Personal Learning Environments: Contributos para uma discussão do conceito. *Educação, Formação & Tecnologias*; vol.2 (2); pp. 5-21. <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/105/66>.
- Mourão, J.A. (2002). Comunicação e religião. O fantasma de uma oportunidade. *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões*, 2, 85-91.
- Orozco, C. E. (2005). Medir lo inmensurable? Evaluar el aprendizaje en ambientes informales. *Revista Electrónica Sinéctica*, 26, 94-97.
- Padula, M. (ed.). *L'involucro della contemporaneità: Un discorso sui media*. Roma: Lateran University Press.
- Paulo VI (1976). *Evangelii Nuntiandi*. AAS 58, 5-76.

- Pisarra, P. (2002). *L'Évangile et le Web. Quel discours chrétien dans les médias?*. Paris: Atelier.
- Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (1997). Ética na Publicidade. L'Osservatore Romano, ed. em português, 12 de Abril, 161-164.
- Pontifício conselho para as Comunicações Sociais (2000). Ética nas Comunicações Sociais. L'Osservatore Romano, ed. em português, 10 de Junho, 277-280.
- Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (2002a). Ética na internet. L'Osservatore Romano, ed. em português, 23 de Março, 138-140.
- Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais (2002b). Igreja e Internet. L'Osservatore Romano, ed. em português, 16 de Março, 126-128.
- Puntel, J. (2005). *Cultura midiática e Igreja: Uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas.
- Ramos, A. & Faria, P. (2012). Literacia Digital e Literacia Informacional: breve análise dos conceitos a partir de uma revisão sistemática de literatura. *Linhas*, 13, 29-50.
- Rheingold, H. (1996). *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva.
- Riccieri, P. (2011). *Formazione a partata di click. Comunicazione digitale e santificazione della mente*. Milano: Paulini.
- Rodrigues, A. (1994). *Comunicação e Cultura. A experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença.
- Romeno, A. (2010). *Lo spazio abitato: Scenario e tecniche della comunicazione in rete*. Milano: Paoline.
- Ruggeri, G. (2010). *Inculturazione della fede evangelizzazione della cultura: I mass media e la missione della Chiesa*. Todi: Tau Editrice.
- Santos, B. (1997). Computando o que une. *Veritas*, 42, 127-132.
- Santos, M. (1994). Aspectos teológicos de Deus como comunhão para fundamentar uma eclesiologia de comunhão. *Teocomunicação*. 105.
- Schaff, A. (1993). *A Sociedade Informática*. São Paulo: Brasiliense.
- Siemens, G. (2004). *Connectivism: A learning theory for a digital age* (12/12/2004), em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>
- Silva, A. M. B. M. & Marcial, V. F. (2010). Novos resultados e elementos para a análise e debate sobre a literacia da informação em Portugal. *Informação & Informação*. 15, 1, 104-128;
- Silvestri, A. (2010). *La Luce e la Rete. Comunicare la fede nel web*. Torino: Effata.

- Spadaro, A. (2006). *Conessioni. Nuove forme della cultura al tempo di internet*. Bologna: Pardes.
- Spadaro, A. (2012a). *Cybergrace* [eBook]. Milano: 40K Unofficial.
- Spadaro, A. (2012b). *Cyberteologia: Pensare il cristianismo al tempo della rete* [eBook]. Milano: Vita e Pensiero.
- Spadaro, A. (2012c). *Twitter Theology* [eBook]. Milano: ed. 40K Unofficial.
- Teixeira, A. (2002). As montagens mediáticas da sacralidade: Notas antropológicas. *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, 2, 93-103.
- Teixeira, A. (2010). Autenticidade e Transparência na Rede, *1ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do eLearning, myMPeL, 2010*, Lisboa: fundação das Comunicações. <http://www.slideshare.net/MPeL/my-m-pelantonio-teixeira>
- Tillard, J.- M. R. (1982). La Iglesia de Dios es una comunión. *Selecciones de Teología*, 84.
- Toffler, A. (1972). *Choque do Futuro*. Lisboa: Livros do Brasil
- Toffler, A. (1984). *A Terceira Vaga*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Toffler, A. (1991). *Os Novos Poderes*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Toffler, A. & Toffler, H. (1995). *Criando uma nova civilização*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Toffler, A. & Toffler, H. (2007). *A Revolução da Riqueza - como será criada e como alterará as nossas vidas*. Lisboa: Atual.
- Torga, M. (1968). *Diário X*. Coimbra: do Autor.
- Torga, M. (1993). *Diário XVI*. Coimbra: do Autor.
- Vecoli, F. (2013). *La religione ai tempi del web*. Roma: Laterza.
- Veletsianos, G. (2011). Ethics of Doing Research in Online Networks: Fellowship post #3. Retrieved from <http://www.veletsianos.com/2011/07/26/ethics-of-doing-research-in-online-networks/>
- Warburton, S. (2010). Digital identity matters. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* (Vol. 56). London: King's College London. doi:10.1002/asi.20112
- Wheller, S. (2010). Digital literacy 1: What digital literacies? <http://steve-wheeler.blogspot.pt/2010/11/what-digital-literacies.html>, 22/11/2010
- White, D. (2008). Not “Natives” & “Immigrants” but “Visitors” & “Residents.” TALL blog. Online education with the University of Oxford.

<http://tallblog.conted.ox.ac.uk/index.php/2008/07/23/not-natives-immigrants-but-visitors-residents>

Williams, S., Fleming, S., & Parslow, P. (2010). *This Is Me - Digital Identity for careers*. CentAUR: Central Archive at the University of Reading. Reading, UK: Lulu. Retrieved from http://centaur.reading.ac.uk/17356/1/Williams_2010_TiM_Careers.pdf

Zanon, D. (2012). *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica. Elementos para uma ciberesclesiologia*. Lisboa: Paulus.

Anexo 1 – Questionário

Questionário aos Catequistas

Este questionário insere-se num trabalho de investigação, que visa compreender o lugar que a Internet ocupa na formação contínua dos catequistas, quer na sua formação pessoal, quer na formação em ordem ao trabalho realizado com os seus catequizados.

Do preenchimento e submissão deste questionários, presume-se a autorização para usar estes dados dentro do contexto desta investigação.

Antecipadamente, agradeço a sua colaboração.

***Obrigatório**

1. 1. Qual a sua idade? *

Por exemplo, se tiver 45 anos, escreva só 45.

.....

2. 2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

3. 3. Nível de escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

Nunca andou na escola

Inferior ao 4º ano/classe

4º ano/classe

6º ano/Ciclo preparatório

9º ano

12º ano

Bacharelato

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

4. 4. Diocese *

Marcar apenas uma oval.

- Algarve
- Angra
- Aveiro
- Beja
- Braga
- Bragança-Miranda
- Coimbra
- Évora
- Forças Armadas e de Segurança
- Funchal
- Guarda
- Lamego
- Leiria-Fátima
- Lisboa
- Portalegre-Castelo Branco
- Porto
- Santarém
- Setúbal
- Viana do Castelo
- Vila Real
- Viseu

5. 5. Há quantos anos é catequista? Mesmo com os interregnos, se os houve. *

.....

6. 6. Com que grupo(s) faz catequese? *

Pode escolher mais que um, se for o caso.

Marcar tudo o que for aplicável.

- Infância (1 ao 6º ano)
- Adolescência (7º ao 10º ano)
- Jovens
- Adultos
- Pais, na catequese familiar
- Grupos especiais (por exemplo, catequese com deficientes)
- Outra:

7. **Já realizou alguma formação específica em catequese (por exemplo, Curso de Iniciação, ou outro curso com a duração de vários encontros/sessões)? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

8. **Se sim, qual?**

.....

9. **8. De onde acede à Internet? ***

Escolha o principal

Marcar apenas uma oval.

- Casa
 Local de trabalho
 Internet móvel
 Escola
 Local público (por exemplo, o café)
 Casa de amigos ou familiares
 Local onde faz catequese
 Outra:

9. Em que dispositivos costuma aceder normalmente.

10. **9.1. Computador de secretária ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

11. **9.2. Computador portátil ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

12. **9.3. Tablet/iPad ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

13. **9.4. Telemóvel; ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

14. **9.5. Consola de jogos ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

15. **9.6. Televisão ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

16. **10. Com que frequência acede à Internet? ***

Marcar apenas uma oval.

- Raramente
- Uma vez por mês
- Duas ou três vezes por mês
- Uma vez por semana
- 2 a 3 vezes por semana
- Diariamente

17. **11. Por dia, em média, quanto tempo está ligado à internet? ***

Marcar apenas uma oval.

- Estou sempre ligado
- Mais de 3 horas
- Entre 2 a 3 horas
- Cerca de uma hora
- Menos de uma hora

12. Que competência considera ter para:

18. **12.1. Navegar na Internet ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

19. **12.2. Utilizar um processador de texto (por exemplo, o Word) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

20. **12.3. Elaborar uma apresentação (por exemplo, um PowerPoint) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

21. **12.4. Utilizar uma folha de cálculo (por exemplo, o Excel) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

22. **12.5. Elaborar ou editar uma apresentação de vídeo ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

23. **12.6. Publicar vídeos na Internet (no Youtube, por exemplo) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

24. **12.7. Utilizar o correio electrónico ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

25. **12.8. Utilizar uma rede social (por exemplo, o Facebook) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

26. **12.9. Manter um blogue ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

27. **12.10. Manter uma página na Internet? ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

28. **12.11. Descarregar ficheiros da Internet ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Totalmente competente

13. Que atividades realiza quando vai à Internet

29. **13.1. Usar um motor de busca (Google, Sapo, Yahoo...) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

30. **13.2. Consultar Bibliotecas e/ou bases de dados digitais ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

31. **13.3. Consultar/enviar email ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

32. **13.4. Consultar blogues ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

33. **13.5. Publicar em blogues ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

34. **13.6. Participar em fóruns ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

35. **13.7. Consultar redes sociais (Facebook, My Space, Hi5, Twitter...)***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

36. **13.8. Publicar nas redes sociais (Facebook, My Space, Hi5, Twitter...)***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

37. **13.9. Frequentar chats (bate papo) (MSN, Google talk ...) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

38. **13.10. Ler jornais ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

39. **13.11. Ver televisão ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

40. **13.12. Ouvir música ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

41. **13.13. Pesquisar na Wikipédia ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

42. **13.14. Jogar on-line ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

43. **13.15. Fazer downloads/descarregar ficheiros ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

44. **13.16. Fazer uploads/carregar ficheiros ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

45. **13.17. Outra. Qual?**

.....

14. Que acontece quando quer saber coisas novas?

46. **14.1. Vou à Internet e escolho um dos primeiros resultados que encontro ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

47. **14.2. Procuo um texto que esteja de acordo com a minha visão da vida ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

48. **14.3. Escolho várias fontes/textos, comparo-os e seleciono a informação que considero mais relevante ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

49. **14.4. Vou diretamente aos sitios de qualidade que conheço ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

50. **14.5. Pergunto a alguém conhecido que me possa ajudar ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

51. **14.6. Procuo informação na Internet e comparo-a com outras fontes de informação, como seja o caso de livros e revistas ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

52. **14.7. Utilizo a Internet para saber coisas novas ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

15. Que acontece quando encontra alguma coisa na Internet que não entende?

53. **15.1. Ignoro e passo à frente ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

54. **15.2. Procuo recursos na Internet que me ajudem a perceber (recorrendo a dicionários on-line ou à Wikipédia, por exemplo) ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

55. **15.3. Pergunto a algum conhecido da Internet ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

56. **15.4. Telefono a alguém, a perguntar ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

57. **15.5. Mando um email ou SMS a alguém que conheço fora da Internet, a perguntar ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

58. **15.6. Pergunto na minha página de rede social ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

59. **15.7. Contacto o autor da página, blogue ou rede social, mesmo sem os conhecer ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

16. Tendo presente as possibilidades da Internet, o que acontece quando vai preparar um encontro de catequese

60. **16.1. Vou a sítios online especializados onde sei que há material ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

61. **16.2. Procuo imagens ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

62. **16.3. Procuo canções e outros sons ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

63. **16.4. Procuo vídeos ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

64. **16.5. Procuo apresentações (PowerPoints, ...) ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

65. **16.6. Vou à página de catequese da minha diocese ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

66. 16.7. Vou à página de catequese nacional (www.educris.com) *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

17. Que capacidade considera ter para:

67. 17.1. Encontrar materiais adequados para a sua formação como catequista *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhuma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total

68. 17.2. Avaliar a qualidade de um recurso de autoformação, que me ajude a evoluir como catequista *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhuma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total

69. 17.3. Adaptar um material que encontrou na Internet *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhuma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total

70. 17.4. Participar numa discussão na Internet, sobre questões de catequese *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nenhuma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total

71. 18. Frequentou alguma formação sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação? *

Marcar apenas uma oval.

- Não
- Não, mas também não preciso
- Não, mas gostava de frequentar
- Sim
- Sim, mas gostava de frequentar mais

72. Se sim, quais?

.....

73. **19. Tem página pessoal na internet (não incluir blogues e redes sociais)? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não, mas já tive

74. **20. Tem um blogue? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não, mas já tive

75. **21. Assinale os sites de redes sociais em que tem perfil criado**

Pode escolher mais que um

Marcar tudo o que for aplicável.

- Badoo
 CafeMom
 DevianArt
 Facebook
 Filxster
 Google+
 Hi5
 LinkedIn
 LiveJournal
 Meetup
 Multiply
 MyLife
 MySpace
 Netlog
 Ning
 Orkut
 Pinterest
 Tagged
 Twitter
 Ask.fm
 Quoooh.me
 Outra:

76. **22. Tem presença na Internet? ***

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

77. **23. Se sim, com que frequência, em média, atualiza a sua presença na Internet (página, blogues, rede social, ...)?**

Marcar apenas uma oval.

- Nunca
 Raramente
 Várias vezes por mês
 Uma vez por semana
 2 a 3 vezes por semana
 4 a 5 vezes por semana
 Diariamente
 Várias vezes ao dia

24. Você costuma:

78. **24.1. Publicar na Internet trabalhos feitos por si ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

79. **24.2. Publicar/replicar trabalhos de pessoas que conheça ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

80. **24.3. Publicar/replicar trabalhos de desconhecidos ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

81. **24.4. Referir a fonte, quando publica alguma coisa que não é sua ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

25. Considera que seria importante:

82. **25.1. Interagir com os catequizandos nas redes sociais ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

83. **25.2. Interagir com os pais dos catequizandos nas redes sociais ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

84. **25.3. Publicar numa página de Internet materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

85. **25.4. Publicar num blogue materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

86. **25.5. Replicar numa rede social materiais destinados ao trabalho com os seus catequizandos ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

87. **25.6. Estar atento ao que há na Internet, que possa ajudar a ser melhor catequista ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

88. **25.7. Ter disponibilidade para frequentar formação para catequistas através da Internet ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

89. **25.8. Ter uma presença sua na Internet (blogue, Facebook,...), como parte integrante do seu anúncio do Evangelho ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

26. Com que frequência utiliza:

90. **26.1. A Internet como fonte de informação para esclarecer dúvidas de fé ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

91. **26.2. Os recursos da Internet para fazer oração pessoal ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

92. **26.3. A Internet para preparar encontros de formação ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

93. **26.4. A Internet para preparar a oração para o seu grupo ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

88. **25.7. Ter disponibilidade para frequentar formação para catequistas através da Internet ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

89. **25.8. Ter uma presença sua na Internet (blogue, Facebook,...), como parte integrante do seu anúncio do Evangelho ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

26. Com que frequência utiliza:

90. **26.1. A Internet como fonte de informação para esclarecer dúvidas de fé ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

91. **26.2. Os recursos da Internet para fazer oração pessoal ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

92. **26.3. A Internet para preparar encontros de formação ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

93. **26.4. A Internet para preparar a oração para o seu grupo ***
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

94. **26.5. O sentido crítico sobre aquilo que encontra na Internet ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

95. **26.6. Os recursos existentes na Internet para preparar o seu encontro de catequese ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

96. **26.7. Os recursos da Internet para melhorar o seu desempenho como catequista ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

97. **26.8 A Internet para obter informações sobre a sua paróquia ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

98. **26.9. A Internet para obter informações sobre a sua diocese ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

99. **26.10 A Internet para obter informações sobre a Igreja em Portugal e no mundo ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

100. **26.11. A internet para procurar informações sobre o Papa ***

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

101. **26.12. A Internet para procurar informações sobre movimentos ou comunidades religiosas**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

Diga se:

102. **27.1. Já conheceu alguém na Internet porque partilhavam interesses comuns sobre catequese**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

103. **27.2. Costuma seguir algum(ns) blogues, página(s) ou redes sociais para estar atualizado sobre catequese**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

104. **27.3. Participa em debates/discussões na Internet sobre catequese**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

105. **27.4. Partilha na Internet recursos didáticos elaborados por si, para que outros catequistas possam usar**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

106. **27.5. Usa a Internet para estar em contacto com os catequistas da sua paróquia**

*

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muitas vezes

107. **27.6. Descubra coisas interessantes na Internet para a catequese ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Nunca Muitas vezes

108. **27.7. Descubra coisas interessantes na Internet para a sua formação cristã ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Nunca Muitas vezes

109. **27.8. Descubra coisas interessantes na Internet para a sua formação como catequistas ***

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Nunca Muitas vezes

110. **28. Indique o nome de três sítios e/ou blogues que considera terem bons recursos para os catequistas e para a catequese. ***

Aqui pretende-se conhecer aqueles sítios ou blogues onde você, como catequista, costuma ir mais vezes.

.....
.....
.....
.....
.....

111. **29. Para terminar, está disponível para o voltarmos a contactar para esclarecer alguma dúvida que tenhamos? Se sim, indique-nos, por favor, o seu endereço electrónico.**

.....